

Vitória Ferreira

A photograph of a dirt road stretching into the distance, flanked by green fields and trees. A large, bright full moon is positioned directly above the horizon line, creating a silhouette effect. The sky is dark, and the overall scene is serene and atmospheric.

A capivara da confirmação

“Piloto”

Numa cidadezinha lá nos meios do mato mais longínquos e remotos, Iracema vivia com seus pais. Eles eram tipo que novatos no pedaço. Antes, eles viviam na cidade grande, em outro estado, porém, pelo fato de os pais de Iracema estarem desempregados, a única opção foi se mudar para a cidadezinha, pois o pai de Iracema recebeu uma proposta para pastorear e cuidar de ovelhas. Ovelhas de verdade, que berram e têm lã. Para ganhar um salário de setecentos reais mensais. A mãe de Iracema tinha curso superior, mas infortúnios da vida fizeram com que ela ficasse desempregada. E todas as portas profissionais haviam se fechado.

Agora vamos às apresentações. Iracema tinha quinze anos de idade. A mãe dela se chamava Leila. O pai se chamava Gervásio. Eles moravam em uma humilde residência na cidadezinha de Écs-ti, também conhecida pela abreviatura XT (em inglês). A cidade era do tamanho de um ovo de galinha, e a fofoca rolava à vontade ali. Dos males o menor, pelo menos Écs-ti ficava perto de uma cidade grande, mas mesmo assim não deixava de ser fim-de-mundo. Iracema, Leila e Gervásio não gostavam de

morar naquela cidade. Era um lugar horrível, e lá eles estavam passando certos apertos financeiros. Fome eles nunca passaram, graças a Deus. Mas não estava dando para viver confortavelmente. Dos males o menor, a casinha deles não tinha aluguel. Aquela cabana foi um achado para eles. Não havia dono, nem nada, então lhes foi permitido ficar com ela. Agora eles eram os proprietários. Era uma casinha de madeira bem simplesinha, mas no fundo tinha lá seu charme. Bem no fundo mesmo. Ficava em frente a um campinho de futebol de terra. Quase ninguém jogava bola lá, pois a cidade tinha outro campo melhor, e também tinha um ginásio poliesportivo.

No meio disso tudo, Iracema era a que mais sofria. Ela era mais nova, por isso mais sensível, mais dramática. Ela sofria por não ter nada bonito para vestir quando frequentava os lugares legais ou festas da igreja. Sofria por não ter condições de arrumar o cabelo, nem mesmo comprar produtos decentes para cuidar das madeixas. Hormônios da puberdade deixaram o cabelo dela armado e volumoso, o que dava margem para uns desocupados filhos duma égua ficarem falando mal, dizendo que o cabelo dela era armado, e que ela não penteava o cabelo. Mentira lascada, pois Iracema penteava o cabelo dela umas dez vezes ao longo do dia, para tentar domar seus

fios. Seu cabelo não era crespo, nem cacheado, e sim ondulado, mas que ficava cheio de volume. Esmalte de unha, quando era possível comprar, era só um por vez e olhe lá. Quando acabava, só meses depois que se podia ter dinheiro para comprar mais um. Maquiagem então não se sentia nem o cheiro. A grana não permitia tais pequenos luxos. E o esmalte sempre era nesses tons de rosinha claro, para certos futriqueiros puritanos fariseus da igreja não ficarem falando besteira. O sonho da menina era poder desfilas unhas com esmalte vermelho. Ah, mas um dia ela usaria mesmo e ninguém ia empatar!

Dos males o menor. Apesar de tudo, eles não eram privados de tudo. Eles tinham computador, câmara digital, chuveiro elétrico, internet, todos tinham ali celular.

Matrículas e segredos

Iracema era novata, e começaria a estudar na escola da cidade. Ela e seus pais foram conhecer o diretor e fazer a matrícula.

O diretor do colégio se chamava Andrew, e era muito simpático e gente boa. Eles fizeram a matrícula dela direitinho, porém ficou faltando um documento pendente lá da antiga escola de Iracema. E ficava bem longe dali. Eles entrariam em contato com a antiga escola para mandar o documento via correspondência.

Naquela sala rolou um mistério entre Iracema, Gervásio, Leila e o diretor Andrew. Coisas que foram ditas não poderiam sair dali.

- Mas eu só te peço uma coisa. Boca de siri patola em relação ao que foi dito e de onde eu vim. E quando for falar com secretários e professores, peçam para que guardem segredo. Quando forem falar comigo em relação ao documento de histórico da outra escola, chamem-me separado e não falem comigo na frente dos outros alunos. Por favor. Eu quero segredo de estado. – disse Iracema.

- Então será segredo de estado. Mas, porque você não quer que seus colegas fiquem sabendo? – perguntou Andrew.

- Ia dar margens para comentários e questionamentos. Iria me fazer lamentar muito. É pessoal. – disse Iracema.

- Se é assim, respeitaremos sua decisão. E quando você estiver pronta para falar, você fala. – disse Andrew.

- Grata pela compreensão. – disse Iracema. E saiu juntamente com Gervásio e Leila.

- Por que você não quer que ninguém saiba? – perguntou Gervásio.

- Por que não. – respondeu Iracema – Vai ficar perguntação, interrogatório, vão me achar esquisita, e vão ficar questionando como eu vim parar aqui nesse fim de mundo. Eu já estou mal por estar aqui, não quero que pessoas ainda venham jogar isso na minha cara.

- Vai ver é melhor mesmo não falar nada. Se por acaso descobrirem, também não é o fim do mundo. É só explicar naturalmente. Não é nada demais. – disse Leila.

Eles tinham um segredo. E não queriam que ninguém descobrisse. Ou melhor, Iracema não queria.

A capivara da confirmação

Para Gervásio não tinha nenhum problema. Já Leila, achava desnecessário ficar falando e concordou com Iracema em manter sigilo.

Na escola

Primeiro dia de aulas. Iracema estava nervosa. Um medo lascado de tudo dar errado. Medo de não fazer amigos, medo de ficar sozinha e medo de ser invisível. Iracema se apavorava com a ideia de ser invisível. Ela não queria também aquela popularidade nível das Patricinhas de Beverly Hills, mas ela queria ser vista e ter um pouquinho de atenção, e de reconhecimento.

Naquela manhã, Iracema e seus pais tomavam o desjejum.

- Preparada para o primeiro dia? – perguntou Leila.

- É o jeito né. Mal posso esperar para terminar logo a escola e ir logo pra faculdade. – disse Iracema.

- Lembre-se. Viva uma etapa de cada vez para não se lamentar depois. – disse Gervásio.

- Sábias palavras, paizinho lindo. – disse Iracema.

- Vai dar tudo certo na escola. Você é linda, inteligente e vai fazer muitos amigos. – disse Gervásio.

A capivara da confirmação

- Nervosismo no primeiro dia é comum para os novatos. Mas logo passa. – disse Leila.

Após o café da manhã, Iracema foi para o colégio.

- Papai, mamãe. Eu já estou indo pra o colégio. Desejem-me sorte. – disse Iracema, abraçando e beijando seus pais.

- Tchau, meu bebê. Boa sorte lá. – disse Leila.

- Tchau, cria. Sua sorte é Jesus Cristo. – disse Gervásio.

Iracema foi. Chegando lá, ela foi procurar sua sala de aula e achou com facilidade. Na verdade, aquele era o segundo dia de aulas, mas para Iracema era o primeiro.

- Você também é do segundo ano? – perguntou uma menina.

- Sim. – respondeu Iracema.

- Ótimo, seja bem vinda. Senta perto de mim. – disse a menina, cujo nome era Maria Michelle.

Ali iniciaria uma possível amizade. Iracema e Maria Michelle ficaram conversando e se conhecendo. Maria Michelle também era novata, a diferença é que ela foi no primeiro dia de aula e Iracema não.

- De onde você veio? – perguntou Maria Michelle.

- Sou natural de Barretos. – respondeu Iracema.

- Eu sou de Aplausos. – disse Maria Michelle.

- Que legal. Eu já morei em Aplausos quando criança. A cidade grande mais perto daqui de Écs-ti. – disse Iracema.

E a aula começou. Era português, com a professora Lucilene.

- Vejo que temos mais uma novata. Então, qual é o seu nome? – disse a professora Lucilene.

- Iracema Gervásio Cipriano. – respondeu Iracema.

- De onde você veio? – perguntou a professora.

- Do interior de São Paulo. – respondeu Iracema.

- Seja bem-vinda. – disse a professora.

- Obrigada. – disse Iracema.

Aquele dia foi bem promissor. Iracema já fez uma amiga. E os professores perceberam que ela era bastante inteligente e participativa nas aulas.

A capivara da confirmação

Então deu a hora de ir embora. Iracema voltou para casa.

- Então, bebê? Como foi na escola? – perguntou Leila.

- Foi ótimo. Fiz até uma amizade. – disse Iracema.

- Eu falei que ia dar certo. Venha, vamos almoçar. – disse Gervásio.

E todos se sentaram à mesa para comer.

Conhecendo melhor certas pessoas

Iracema e Maria Michelle haviam se tornado amigas. Na turminha, também estavam Silmara e Henrique. E na outra sala, havia uma menina chamada Josiane. No começo tudo era flores, todo mundo aparentava se amar. É, aparentava. Aos poucos, Maria Michelle começava a se revelar.

Henrique era uma pessoa muito gaiata. E ficava cantando Iracema de brincadeira, pedindo em namoro. Acredita-se que seja de brincadeira mesmo, pois Henrique tinha namorada. Ela era a irmã da Silmara, e se chamava Solange. Henrique e Solange passavam os intervalos aos beijos. Mas ele ficava com umas brincadeiras bestas com Iracema, pedindo ela em namoro. Um dia ela respondeu.

- Eu não namoro repetentes. - disse Iracema. Ela também era brincalhona, mas não era todo mundo que entendia suas brincadeiras. Aí pronto. Maria Michelle começou a dizer que Iracema era preconceituosa. Henrique estava fazendo o segundo ano pela terceira vez. Não levava nada a sério, e ele reprovou três vezes consecutivas.

A capivara da confirmação

- Isso não se fala para um garoto. Você é muito intolerante. – disse Maria Michelle.

- Você não sabe nem reconhecer uma brincadeira? O que você quer? Que eu dê em cima de um garoto que já é comprometido? Você tem cada uma, hein, Maria Michelle. – disse Iracema.

As notas de História saíram. E o professor falou a de todos. Por último, falou as notas de Maria Michelle e de Iracema:

- Maria Michelle, nota 8. Iracema, nota 7.

- Olha! Tá vendo! Tirei nota maior que você! Toma! Sua metida a nerd! Isso é você pagando sua língua. Você disse que não namorava repetente, agora Deus te castigou. – disse Maria Michelle.

Iracema ficou fura de raiva. Ela sabia lidar com notas medianas. Mas o problema não era esse. Primeiro, o cálculo foi errado, pois ela havia tirado excelentes resultados nas provas, nos trabalhos, teve participação, bom comportamento e não faltou as aulas. Iracema colocou tudo na ponta do lápis e averiguou que o professor calculou tudo errado. E agora vem a Maria Michelle que se diz sua amiga lhe falando um monte de besteira, falando que Deus estava castigando-a.

- Maria Michelle, é o seguinte. Não me venha se achar para cima de mim. Estou cagando e andando se você tirou nota maior do que eu. Agora me dizer que isso é castigo de Deus só porque eu disse que eu não namoro repetente. Nada a ver! Ainda que ele fosse o garoto mais bonito, mais inteligente e mais popular do colégio, eu não ficaria com ele nunca. Se liga, ele tem namorada e fica me cantando. Mas será o Benedito? – disse Iracema.

- Sua louca, sua descontrolada. Pare de gritar, você está pagando mico. – disse Maria Michelle.

- Eu perco a paciência mesmo com uma presepada dessas. – disse Iracema.

Com muita classe e compostura, Iracema foi conversar civilizadamente com o professor de História, cujo nome era Ferdinando. Ele era vocalista de uma banda de rock que se chamava Meu Shampoo Fede.

- Professor, seguinte. Calculei tudo certo aqui e observei que você cometeu um equívoco em relação à minha nota. Calculando aqui, dá nota 8,5. Peço que reconsidere. – disse Iracema.

Ferdinando olhou tudo e falou:

A capivara da confirmação

- De fato cometi um engano. Tratarei de consertar o erro imediatamente. Sua nota realmente é 8,5. Eu confundi você com a Silmara. Vocês se parecem. – disse o professor Ferdinando.

- Muito obrigada. Mas vem cá? Você me confundiu com a Silmara. Nada a ver. – disse Iracema. E voltou a se sentar.

- É, Maria Michelle, parece-me que minha nota ultrapassou a sua. O professor me confundiu com a Silmara. Disse que a gente é muito parecida. Eu achei tão nada a ver, mas eu estou feliz pelo mal entendido ter se esclarecido. – disse Iracema.

Maria Michelle ficou com cara de tacho.

Mais uma novata

Alguns dias depois, eis que chega outra aluna nova, para entrar no time das novatas. Ela chegou toda tímida e retraída, e ficou na dela o tempo todo.

- Temos uma novata. Qual é o seu nome? - Perguntou o professor.

- Ianderley. - respondeu ela, em voz baixíssima, morrendo de vergonha.

- Não ouvi direito. Poderia repetir, por favor? - perguntou o professor.

- Ianderley. - disse ela.

Um monte de moleque besta começou a rir e a tirar sarro do nome da menina.

- Vanderlei Luxemburgo! - dizia um deles.

- Tem certeza que você é mulher? - disse o outro, tirando sarro.

Ianderley ficou morrendo de vergonha. Iracema só observava tudo com olhar de reprovação.

A capivara da confirmação

Depois do intervalo, a zombaria continuava. Quando Ianderley entrou na sala, os moleques bestas e umas meninas bestas começaram a bater na mesa como se estivessem tocando tambor e cantando:

- Ianderley, Ianderley, Ianderley, Ianderley, Ianderley, Ianderley, Ianderley! Tantantantan!

A menina ficou morrendo de vergonha.

- Então, de onde você veio? – perguntou Maria Michelle.

- Moçambique. – respondeu Ianderley, timidamente.

- Olha, gente. A Ianderley é africana! Temos uma aluna estrangeira! Uma gringa! – disse um menino.

- Que língua se fala lá na sua terra? – perguntou outro.

- Português. – respondeu Ianderley.

Todo mundo ficou em volta dela a olhando como se ela fosse um bicho exótico, e fazendo um monte de perguntas.

- Gente! Deixem-na em paz! Vamos parar de caçar indaga com ela. – disse Iracema.

Na hora de ir embora, Iracema notou que Ianderley pegava o mesmo caminho que ela para ir para a casa.

- Ianderley. – disse Iracema – Não liga para eles. São todos uns panacas.

- Não quero conversar. Toda a gente já gozou comigo, já fuçaram toda a minha vida. Agora me deixa em paz. – disse Ianderley.

- Eu não tenho nada a ver com essa gente. Calma lá!
– Iracema.

- Foi mal aí. – disse Ianderley.

Iracema entrou em casa. Ianderley entrou na casa ao lado.

- *Wait a moment.* Somos vizinhas? – perguntou Iracema.

- É o que parece. – disse Ianderley.

- Até amanhã na escola. – disse Iracema.

Dramas pessoais de Iracema

E a vida seguia tediosa em Écs-ti. As dificuldades financeiras persistiam. As portas de emprego continuavam fechadas a sete chaves. Gervásio continuava com o pastoreio das ovelhas. Dos males o menor, não havia aluguel a ser pago. Mas mesmo assim viver com setecentos reais é a coisa mais complicada. Tem que fazer alquimia de doido para sobreviver. E Leila, estava sofrendo por não estar trabalhando em sua profissão. A casa deles não tinha conforto. Os móveis eram pouquíssimos. As pessoas que iam lá, perguntavam se os móveis deles ainda iriam chegar. Mas não. Não iriam chegar porque eles não tinham mobília.

- *This home lacks any furniture.* – dizia Iracema.

Também tinha aquela história. Iracema não tinha nada bonito para vestir, não tinha maquiagem, não podia comprar bons cosméticos para tratar dos cabelos. Várias pessoas já disseram que seu cabelo era armado. Na mesma igreja que ela frequentava, tinha uma menina que se chamava Mary. Um dia, estavam as duas andando a caminho da igreja e conversando.

- Você usa alguma coisa no cabelo? – perguntou Mary.

- Não, ele é todo natural. É cabelo virgem. – disse Iracema, pensando que Mary ia elogiar.

- Pois ele está alto, está armado. Compre um banho de creme para ele. – disse Mary.

- Não tenho grana. – disse Iracema.

Ela ficou triste demais. Primeiro, a criatura pega e pergunta se ela passa alguma coisa no cabelo. Iracema por um momento achou que ela ia elogiar, imagine só, um cabelo bonito sem precisar de nada. Mas não. Ela quis foi descer o cacete.

O infortúnio iria continuar. Mary não seria a primeira a dizer isso. A próxima seria Maria Michelle. Estavam as duas na sala de aula.

- Seu cabelo está armado. – disse Maria Michelle.

- Não pode ser. – disse Iracema. Ela pegou um pente e começou a pentear o cabelo.

- Aqui não! Não pode! Você é doida? – disse Maria Michelle.

A capivara da confirmação

- Não quero essa imagem de menina mais feia e mais esquisita do colégio. – disse Iracema.

- Você não é feia. – disse Maria Michelle – Mas está a ponto de se tornar a mais esquisita sim, se continuar com essas atitudes.

Iracema ficou detonada com essas palavras. Foi horrível. Iracema era uma pessoa tímida, insegura, se achava feia, sua autoestima estava abalada. E nada naquela cidade estava a ajudando.

O pai de Iracema tinha um cargo de evangelista na igreja onde eles congregavam. Aquela igreja era um tanto que retrógrada. Não era falado claramente que era proibido, mas lá ninguém usava calça comprida, nem esmalte escuro. Iracema usava calça em todos os lugares, menos na igreja. Gervásio e Leila também não concordavam com essas palhaçadas de uso e costume, mas não falavam nada para não entrar em atrito com a igreja. Iracema detestava essa ditadura. Uso e costume era algo ridículo, retrógrado, antibíblico e é do tempo que nossas avós andavam de bicicleta e dançavam com as duas pernas.

Iracema estava triste demais com toda a situação. Estavam falando mal do seu cabelo, dizendo que ela não penteava, não se cuidava. Iracema toda a hora se

lembrava que não tinha dinheiro para ir ao salão, para comprar roupa, comprar maquiagem, comprar esmalte. Era uma pobreza.

Dia desses, Leila se deparou com Iracema se debulhando em lágrimas.

- O que houve, meu bem? – perguntou Leila.

- Eu não aguento mais. Todo mundo dessa cidade fala mal do meu cabelo, dizendo que é armado, dizendo que eu não o penteio sabendo que eu gasto minutos preciosos do meu dia penteando esse cabelo para ver se ele abaixa, mas ele não abaixa. Primeiro foi a Mary, e agora foi a Maria Michelle. Ela ainda me chamou de esquisita. Isso é horrível. Do jeito que falam, parece que eu acho lindo andar esculachada de qualquer jeito. Mas não! Tudo o que eu quero é andar linda e maravilhosa, e eu não posso. Sabe onde está a minha autoestima? Debaixo do meu chinelo. – disse Iracema, chorando muito.

- Calma. Tudo vai se resolver. Nossa situação vai melhorar e você poder comprar tudo o que precisa para se manter mais linda do que você já é. Iracema, você é linda. Seu cabelo é lindo. É normal o volume por causa da puberdade, são hormônios. Você virou mocinha com doze anos, nem faz tanto tempo. O seu cabelo só precisa dos produtos certos. – disse Leila.

A capivara da confirmação

- Cria, é o seguinte. A Mary é uma babaca. E a Maria Michelle, idem. Não dê a mínima para o que elas falam. Você é linda. – disse Gervásio.

- Obrigada por me animarem um pouco. – disse Iracema.

- Nós não gostamos de ver você para baixo. – disse Leila.

Amigas da onça

Maria Michelle já havia começado a se revelar para Iracema. Mas aquilo ali era só a pontinha do iceberg. Tinha mais. Silmara e Josiane também estavam no rumo. Josiane estudava em outra sala, e era uma menina muito chatinha. Iracema descobriu isso.

Josiane gostava de um menino da sala dela, mas não tinha coragem de falar.

- Quando você for mais velha, tiver uns dezesseis anos, converse com ele. – disse Iracema.

- Pare de me dar conselho! – disse Josiane, com uma voz chata.

Ela tirou Iracema de tempo. Iracema ficou tão envergonhada e pensou: *“Nunca mais dou conselho pra ninguém. A partir de hoje eu mando é ir se ferrar mesmo”*.

Outra coisa que elas faziam como ninguém, é deixar Iracema no vácuo, isso é, ela falava e ninguém respondia.

A capivara da confirmação

Também teve um dia em que Maria Michelle pegou uma folha de caderno e escrever algumas regrinhas para Iracema. Aqui estão listadas:

1. Não falar tão certinho
2. Falar mais gírias.
3. Não ser tímida
4. Conversar mais nas aulas
5. Não pentear o cabelo na sala de aula
6. Não dizer coisas do tipo “isso é importado”
7. Ser mais descontraída
8. Praticar esportes
9. Não ficar respondendo a todas as perguntas que os professores fizerem. (passa imagem de nerd)
10. Não andar com as pernas abertas demais, tipo homem.
11. Se arrumar mais
12. Não ser pavio curto do jeito que você é. Passa a imagem de desequilibrada.

Naquela mesma semana, aconteceu a gota d’água. O limite. Era intervalo, hora do lanche. Iracema, Silmara, Maria Michelle e Josiane pegaram seus lanches e sentaram-se nas mesas do refeitório. No meio do mato, os lanches eram ridículos. Naquele dia era baião de dois com

carne de sol. Era servido numa vasilha de plástico com colher de plástico. Pior que em penitenciária.

Iracema era uma pessoa muito ligada às regras de etiqueta. Ela era um poço de elegância. Mas com aquela colher de plástico e com aquela cuia em que a comida era servida, dificultou. Iracema foi tirar a gordura da carne, mas com a colher não dava para cortar. Então, ela tirou com a mão mesmo. Não estava deselegante, mas aí já começou a crítica.

- Tira a mão daí! Não se come assim. – disse Maria Michelle.

Silmara mostrou a colher para Iracema e disse:

- Iracema, aqui ó. É com isso que se come.

- Eu só estava tirando a gordura da carne. Eu conheço as regras de etiqueta. Um garfo e uma faca facilitariam muito a minha vida. – disse Iracema. Ela se sentiu tão constrangida. Foi tratada como uma caipira deselegante que não sabe comer.

Depois do lanche, as críticas à Iracema continuavam.

- Gente, a Iracema não pode ser nossa amiga. Tipo, nós somos do Handebol e ela não é. Nossos assuntos são

só relacionados ao esporte, e a Iracema não é da nossa tribo. Vocês acreditam que esses dias mesmo ela ficou toda bravinha e começou a pentear o cabelo dentro da sala de aula igual uma doida. – disse Maria Michelle.

- Gente, não pode! – disse Silmara.

- Mas ela fez. E ainda disse que não quer ser a menina mais feia e esquisita do colégio. Eu falei que ela não é feia, mas está beirando para ser a mais esquisita do colégio. – disse Maria Michelle.

Iracema perdeu a paciência e disse, esbravejando:

- Querem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui? Quer saber? Chega! Já deu. Já acabaram comigo, agora parou a palhaçada! Eu perco a paciência mesmo. Maria Michelle, a listinha que você fez para mim é muito tosca. Se o meu cabelo é armado, então me deem dinheiro para ir ao salão. Aí eu ando linda e maravilhosa. E tem mais, não venham falar comigo como se eu fosse uma qualquer, uma caipira deselegante que não sabe como se portar à mesa. Para o vosso governo, eu conheço muito mais de etiqueta do que vocês duas juntas. Eu já estive à mesa com gente chique e rica, e sou um poço de elegância. Posso até não ter grana, mas tenho bom gosto e sou fina. E por último, eu nunca ouvi um impropério tão absurdo como esses que vocês me disseram. Então só

porque eu não sou do handebol como vocês, eu não posso ser amiga de vocês? Isso não existe! Quer saber! Eu não vou ficar mendigando amizade de vocês. Até porque, vocês nunca foram minhas amigas! Falsas! Eu não sou inferior só porque eu não pratico esporte. Vocês mandam bem na bola, mas não mandam bem nos idiomas. E outra, eu não sou atleta, eu sou escritora! Passar bem. Ah, e pega esse handebol aí de vocês e enfie ele lá no... Vou nem falar porque é imoral.

Naquele dia, Iracema voltou para a casa soltando fumaça pelas ventas e xingando em inglês.

- Que foi, Iracema? Eu percebo inglês muito bem. Não adianta ficar falando palavrão em inglês achando que ninguém vai entender porque eu tenho noções de inglês. Aquelas meninas te tiraram do sério? - perguntou Ianderley.

- Sabe a sensação de descobrir que suas supostas amigas são falsas mesmo? Então. Nunca fui tão humilhada na minha vida. Eu sou muito compreensiva, paciente, agora quando me criticam por eu ser eu mesma, eu acho é palhaçada. - disse Iracema.

- Eu vi tudo o que elas te falaram. Achei absurdo. Elas não são suas amigas. - disse Ianderley.

A capivara da confirmação

- Parei hoje mesmo de andar com elas. Vou até mudar de carteira na sala. Desses encostos eu quero distância. – disse Iracema.

- É o melhor negócio que você faz. Não dê importância para quem fala do seu cabelo. O que eu mais queria é ter um cabelo bom como o seu. Eu invejo esse seu cabelo. Tão fácil de pentear. – disse Ianderley.

- É ótimo ouvir um elogio depois de um dia de cão. Obrigada. – disse Iracema.

Ao chegar em casa, Iracema compartilhou seu dia horrível com os pais. Contou tudo o que Maria Michelle e companhia haviam lhe dito.

- Essas meninas são umas idiotas. São péssimas companhias para você. – disse Leila.

- Não quero mais nem saber de graça com essas meninas! De gente falsa eu quero é distância! Você acredita que rolou até uma listinha tosca com regrinhas de convivência, tipo doze mandamentos. – disse Iracema.

- Quero ver essa listinha. – disse Leila.

Iracema deu a lista para seus pais lerem. Eles acharam aquilo absurdo.

- Essa Maria Michelle é ridícula! – disse Leila.

- Iracema, uma coisa que eu sempre digo e repito. Seja sempre você mesma. Quando alguém te critica por você ser verdadeira e por você ser você mesma, esse alguém não é seu amigo. – disse Gervásio.

- Essa atitude da Maria Michelle é pior do que uma atitude infantil de patricinha de escola primária. – disse Leila.

- Não se sinta inferior pelo fato de não praticar o desporto. O que elas falaram foi absurdo. Pare de andar com elas. – disse Gervásio.

- Com todo prazer. Quero essa corja bem distante de mim. Agora vamos almoçar porque eu estou numa larica daquelas. – disse Iracema.

Naquela tarde, Leila escreveu uma cartinha para Iracema. Pegou uma folha de caderno, colocou uns adesivos e uns frufrus e pôs-se a escrever com uma caligrafia bonita uma carta para sua filha querida do coração. Ao terminar, ela colocou a carta em cima do travesseiro da cama de Iracema.

Não demorou muito, Iracema viu a cartinha. E pôs-se a ler:

A capivara da confirmação

Querida Iracema,

Você é linda, um presente de Deus. Você é uma jóia preciosa, uma gema de valor imensurável. Portanto, não se deixe abalar por palavras de certas pessoas, que querem te criticar por você ser você mesma. Significa que elas querem ser como você, significa que você tem algo que elas não têm e invejam isso. Você canta muito bem, tem uma voz de anjo, é uma exímia escritora, a aluna mais inteligente da escola, você é sincera, engraçada, divertida, humorística, piadista. E um detalhe. O seu cabelo é lindo. Se o volume te incomoda, não se preocupe. Tenha fé, porque teremos condições melhores para você cuidar melhor dos seus fios. Não caia na besteira de colocar química no seu cabelo virgem. Ele é lindo, ele só precisa de uma boa hidratação, bons produtos. Você é linda do jeito que você é. Tudo bem que a maquiagem pode fazer verdadeiras alquímias, e nada como andar bem arrumada. Mas para ser linda, você não precisa de nada disso. Nunca perca sua identidade. Não siga listinhas toscas como aquela. Seja sempre você mesma. Mesmo com cabelo arrumado, maquiagem, roupas de marca, um look montado, nunca perca sua verdadeira essência. As amigas certas saberão reconhecer suas qualidades. A mamãe te ama muito. Você é perfeita.

Iracema ficou feliz demais. Nada como uma carta de consolo escrita por sua mãe para alegrar um dia que foi um dia de cão.

- Mamãe, obrigada. Você é a melhor mãe do mundo. – disse Iracema.

- Tudo o que eu mais quero é te ver feliz. – disse Leila.

Mãe e filha se abraçaram.

Iracema, a padroeira dos injustiçados.

Os dias de Ianderley na escola continuavam infernais. Haviam dias que nem tanto, porém haviam outros que eram horríveis. O bullying continuava.

Enquanto isso, Iracema rompeu relações e ligações com Maria Michelle e Silmara. Mudou de lugar na sala de aula para ficar bem longe daquelas meninas. Ultimamente ela ficava um tanto que sozinha nos intervalos. Antes só do que mal acompanhado, mas mesmo assim Iracema ficava triste por não ter companhia no intervalo. Era horrível ficar sozinha. Aí já dava margem para uns e outros ficarem dizendo que ela era estranha, porque ficava sozinha, como se ela fosse a culpada, como se ela gostasse de ser antissocial, quando na verdade não era nada disso. Iracema era uma pessoa sociável, adorava estar cercada de amigos. Não precisava ser uma legião de cinquenta amigos, pois aí a falsidade rolava solta. Mas sim poucos e bons amigos, que se podem contar nos dedos. Ter mil amigos no Facebook é fácil. Quero ver um deles te ajudar nas horas difíceis. Nessas horas, amigo é só pai, mãe, e Deus. O resto é colega. Iracema adorava se socializar, porém sua timidez era na hora de puxar conversa. Ela não

tinha o dom de fazer amigos logo no primeiro dia. Ela não tinha a cara de pau de chegar de cara na pessoa e puxar conversa. Mas quando ela conseguia fazer uma amizade, aí a história muda de figura. Aí ela fala pelos cotovelos, solta as frangas, ri muito, se diverte muito.

Ianderley poderia ser uma ótima amiga para Iracema. Mas as duas eram tímidas e tinham vergonha de uma chegar na outra para puxar assunto. Elas já puxaram assunto no caminho de casa, Ianderley era vizinha de Iracema. Mas a vergonha que elas tinham ainda era uma barreira a ser ultrapassada.

As coisas não andavam fáceis para Ianderley. O pessoal daquela sala não dava trégua. Não eram todos, mas eram muitas pessoas. Eles faziam piadas com o nome dela, com o cabelo dela, com a cor da pele, e por aí vai. Mas teve um dia que passou do limite.

Aula de geografia, com a professora Rosinha. Ela dava aula bem, mas era uma canalha. Agora veremos o motivo.

Naquele dia, os meninos estavam pegando pesado no bullying com a Ianderley.

- Eu sei por que ela tem esse nome. É porque quando ela nasceu, já nasceu fazendo macumba e tocando

no tambor assim: Ianderley, Ianderley, Ianderley. Tantantantan! – disse um menino, cujo nome era César.

- Ei, Ianderley, me dá um pouco desse seu Bombril para eu arear umas panelas lá em casa. – disse uma menina que se chamava Edite.

Ianderley não era sentimental, mas bullying é bullying. A pobre começou a chorar, porque não sabia como acabar com isso. Ela não sabia reagir a esse tipo de situação.

- Você nasceu em Maputo, não é? Da próxima vez que eu quiser xingar alguém, eu falo assim: Vá pro Maputo que pariu. – disse outro rapaz, que se chamava Arlos.

- Sua fita isolante, volta para a África. – disse César.

Aquilo foi a gota d'água. Iracema não aguentou ver sua companheira de classe sofrendo bullying e racismo.

- Pessoal, deixem eu dar minha aula. – disse Rosinha.

- Professora, você não vai fazer nada? Os meninos são racistas com a Ianderley, e você só se importa com a sua aula? – disse Iracema.

- É assim mesmo, não posso fazer nada. Eu sou paga para dar minha aula, não para ficar defendendo os outros. Se a Ianderley sofre bullying, problema dela, eu só lamento. – disse Rosinha.

Aí Iracema ficou irada da vida. Dessa vez foi o limite. Ela perdeu a classe e a compostura, e decidiu entrar em defesa, comprar aquela briga.

- Assim mesmo o cacete! Que raio de professora você é? Você é uma conivente. O bullying e o racismo acontecem aqui na sua frente e você diz que é assim mesmo! Eu acho é uma meretriz de uma palhaçada um negócio desses. A Ianderley está se acabando de chorar aqui, estão falando absurdos terríveis e comentários racistas inaceitáveis, e você aí dizendo que é assim mesmo?! Você é uma ridícula. – disse Iracema.

- Cala a boca, ou eu te dou uma suspensão! Não se levanta a voz para professores. Você ainda vai se dar mal, Iracema. E você, que está há meses aqui, e não tem nenhum amigo. Sua antissocial! – disse Rosinha.

Agora Iracema ia perder a sensatez.

- Você não vai me dar suspensão nenhuma! Alguém faz o favor de chamar o diretor aqui porque eu quero que ele assista o rebuliço que eu vou fazer aqui

nessa sala! Você é uma vadia, professora Rosinha! Eu estou cagando e andando para a sua aula de bosta! Eu não sou antissocial. Agora você vem me tratar como se eu fosse culpada por estar sozinha, como se eu fosse a canalha da história. Mas não é sobre mim que vamos brigar. Eu estou aqui para falar da Ianderley. O que aconteceu hoje foi inaceitável. Chamaram-na de fita isolante, de macumbeira, fizeram zombarias com o nome dela e com o lugar de onde ela veio! Isso é racismo! Dá cadeia! Agora você pega e diz que é assim mesmo. Sua vadia! Eu te odeio, sua vagabunda! Você é conivente com atitudes racistas, mas também esquece que também é uma negona! Aproveita e pega esse seu pixaim pra arear panela também! Já que você diz que é assim mesmo! Se você é conivente com racismo, então você é uma fita isolante! Asfalto! Tição! Pelé! Tiziu! Frigideira! Chipanzé! Aceita uma banana? Pimenta nos olhos dos outros é refresco. Mas se fosse com você, você não ia gostar nadinha. Eu não tolero racismo! Eu não tolero bullying!

Os moleques bestas que zombaram com Ianderley começaram a vaiar. Eles vaiavam quando uma briga se estourava.

- Rosinha, a Iracema tem amigos sim. Eu sou amiga dela! Você é uma vagabunda! Eu te odeio! - disse Ianderley, que ainda estava chorando.

- Eu sou amigo dela! Parece-me que você é a única que não tem amigos, Rosinha. – disse um rapaz, cujo nome era Kevin. Ele também resolveu entrar na briga contra o bullying e contra o racismo.

- Eu sou amigo dela também! O que você disse hoje não se fala para ninguém. Você é a professora mais vadia que eu já conheci! – disse outro gajo, que se chamava Casper.

Ianderley chorou, ficou nervosa e chegou a passar mal.

- Viu o que você fez, sua cabrona! – disse Iracema – Kevin, chame ajuda agora mesmo, por favor. Leva ela para tomar um ar e tomar uma água. Eu vou agora falar com o diretor. Vou dedurar esses meninos que a agrediram. Sou X9 mesmo e não tô nem aí! Faço questão de mexer nesse vespeiro! Você também vai se ferrar bonito nessa história. Isso vai ser caso de polícia! Eu gosto mesmo é de ver o circo pegando é fogo! Eu gosto mesmo é da bagaceira! Eu quero mais é que você vá tomar no toba!

Tudo ali estava sendo filmado. Rosinha estava furiosa e quis agarrar Iracema pelo braço. Iracema sorria de deboche.

- Vai me agredir? Também sou fera de briga. Professor para mim é sagrado. Mas se ele não respeita seus alunos, ele não merece respeito! Eu não te respeito! Me solta porque você está me machucando. Me solta senão eu vou acabar cometendo uma agressão aqui. Quer que eu dê na sua cara? – disse Iracema, rindo debochadamente.

O diretor Andrew chegou na sala e perguntou:

- Posso saber o que está havendo aqui?! Dava para ouvir os gritos de lá da minha sala.

- Aqui, ó diretor. Baderneira aqui. A Iracema atrapalhou o andamento da minha aula e me insultou com xingamentos e palavrões terríveis. – disse a professora Rosinha.

- Mas como você é baixa mesmo! Eu te xinguei mesmo! Mas é porque ela estava sendo conivente com atitudes racistas na sala de aula e ainda dizia que era normal. O César, a Edite, e o Arlos estavam praticando bullying e racismo contra Ianderley. E a professora aqui só estava preocupada com a aulinha dela e não fez nada! Ela ainda me insultou também, e me ameaçou dar suspensão! Eu não vou ser suspensa nem advertida! Não mesmo! Não aceito. A Ianderley chegou a passar mal! Agora ela deve estar lá fora tomando uma água e esperando a mãe dela

chegar para resolver isso. Não é a mim que você tem que punir. E sim aos racistas e essa professora filha duma égua! – disse Iracema.

- Calma, Iracema. Nada vai acontecer com você. Eu te conheço muito bem e sei que você é uma aluna exemplar e politicamente correta, mas que perdeu a paciência por uma causa nobre. Você não será punida, será reconhecida. E enquanto aos três alunos citados e à professora Rosinha, esses sim vão ter que se ver comigo. – disse Andrew.

Iracema estava com as pernas bambas, a garganta seca, as mãos geladas e trêmulas, e uma descarga de adrenalina a mil por hora.

Os três alunos e a professora foram para a sala do diretor.

- Iracema, procure se acalmar. Vá tomar uma água. – disse o diretor Andrew.

Iracema seguiu o conselho do diretor e foi tomar uma água e respirar fundo para tentar se acalmar.

- Mais calma, Iracema? – perguntou Casper.

- Mais ou menos. – disse Iracema.

A capivara da confirmação

- Você é muito corajosa. Parabéns. Sou seu fã. – disse Casper.

- Obrigada. Que legal, eu tenho um fã. Eu nunca achei que seria capaz de falar tudo o que eu falei. Mas eu acho absurdo ver alguém sofrendo bullying. Ainda mais quando é relacionado com racismo. – disse Iracema.

- E se chamássemos a televisão? – disse Casper.

- Boa ideia, Casper. Daria uma ótima reportagem. E uma conscientização. Falando nisso, como será que está a Ianderley? – disse Iracema.

- A mãe dela chegou e elas estão prestando a ocorrência para o diretor. Elas também vão à polícia. – disse Casper.

- A professora Rosinha precisa ser tirada desse colégio. Ela é ridícula. Você viu como ela falou comigo? Jogou na minha cara que eu não tenho amigos, como se eu fosse a culpada por isso. Sabendo que eu tenho certo retraimento em chegar perto das pessoas para puxar assunto. – disse Iracema.

- Ignora ela. Você é sociável. Ela não sabe de nada. – disse Casper.

- Eu estava a ponto de dar na cara dela. Minha mão estava coçando pra isso. – disse Iracema.

- Não vale a pena. Você é superior. A justiça já está tratando da Rosinha. A dor de cabeça que ela vai ter daqui pra frente vai ser bem pior do que um tapa na cara. – disse Casper.

A mãe de Ianderley, cujo nome era Dercy, foi lá resolver o problema e falar com o diretor.

- O episódio de hoje foi inaceitável. Esses miúdos e esta senhora professora precisam receber a merecida punição. Vou à polícia também, ô pá. – disse Dercy, com sotaque africano misturado com um tanto de lusitano.

- Os alunos e a professora receberão merecido castigo. A senhora não precisa se preocupar. – disse o diretor Andrew.

- Você está melhor, meu bebê? – perguntou Dercy.

- Sim, mamãe. Agora que a justiça está sendo feita. Eu quero mudar de nome. Esse nome que me puseram é degradante, constrangedor e me expõe ao ridículo. – disse Ianderley.

- Veremos isso. A sua avó inventa cada uma. – disse Dercy.

A televisão foi mesmo até lá para o furo de reportagem. Todos deram entrevista. Principalmente Iracema e Ianderley.

- Entrei mesmo em defesa da minha amiga! Porque eu acho uma palhaçada esse negócio de bullying e racismo! Se a professora é uma bunda mole que não sabe impor moral, eu imponho! Nós vamos levar esse caso à polícia, para que as autoridades cabíveis possam tomar devidas providências! – declarou Iracema ao repórter.

Ianderley também deu sua declaração:

- Eu sofro bullying desde o primeiro dia de aula, por causa do meu nome. Aí quando eles descobriram que eu sou africana, o racismo piorou. Eu fui chamada de fita isolante, chamaram meu cabelo de Bombril. Disseram que eu nasci fazendo macumba. Sem reação, eu chorei e até cheguei a passar mal. Bullying é uma coisa que eu não desejo para ninguém. Agora eu quero que a justiça seja feita, e que os responsáveis paguem por isso. Não faço justiça com minhas próprias mãos, porque eu sei que a justiça e a vingança pertencem única e exclusivamente a Deus. Eu quero agradecer de coração e publicamente a minha amiga Iracema por ter levantado a voz em minha defesa. – disse Ianderley ao repórter. Ianderley, assim

como sua mãe, também tinha sotaque africano misturado com sotaque de português.

A professora Rosinha não quis gravar entrevista.

Foi um belo furo de reportagem. No jornal da hora do almoço, a reportagem seria transmitida.

Aquele dia foi épico para se ficar na história de Écs-ti. Uma aventura daquelas, onde o sangue ferveu, a adrenalina subiu e a justiça foi feita.

Gervásio e Leila ficaram impressionados com tudo isso. Ficaram impressionados com a bravura de Iracema.

- Parabéns, meu amor! Você é muito corajosa. – disse Leila.

- Obrigada mamãe. Por que você sabe, eu sou igual ao papai. Do pavio curto e da pá virada. Aqui nessa veia corre sangue italiano, “nóis fala” é alto. – disse Iracema.

- Atitude exemplar. Você conseguiu impor moral e enfrentar aquela professora. – disse Gervásio.

- Liguem a tevê, porque vai passar no jornal da hora do almoço. – disse Iracema.

E assim foi. O acontecimento daquela manhã foi mostrado na televisão. Tanto as entrevistas como também

A capivara da confirmação

o vídeo da briga entre Iracema e Rosinha. Iracema foi conhecida em Écs-ti como a padroeira dos injustiçados.

Enquanto aos agressores de Ianderley, estes levaram uma punição severa. Foram expulsos da escola. Ianderley e sua mãe denunciaram a professora Rosinha para a polícia. A professora Rosinha foi demitida da escola, e ainda foi processada na justiça.

Ianderley, não mais.

Ianderley estava mesmo disposta a mudar de nome. Ela estava amparada pela justiça, visto que seu nome causava constrangimento e a expunha ao ridículo. O nome Ianderley foi inventado pela sua avó, que decidiu juntar o nome dela, do avô e da mãe. Ian, do avô. “Der” de Dercy, da mãe. E “Ley”, de Shirley, da avó.

A mãe de Ianderley nunca quis colocar esse nome, mas avó tem grande peso nas decisões e na hora de batizar uma criança lá naquela região onde eles moravam.

Ianderley poderia se considerar uma pessoa de sorte. Pois não é todo mundo que tem o privilégio de escolher o próprio nome.

Portanto, de Ianderley Bastos, ela passou a se chamar Jaciara Bastos. Para mudar de nome, não foi nada burocrático. Ela era amparada pela lei, e foi um trâmite rápido. Quando ela mudou todos os seus documentos, e oficialmente se chamava Jaciara, ela disse:

- Nasci de novo.

A capivara da confirmação

Para que não haja mais confusão, a partir de agora Ianderley se torna Jaciara, e será citada com o novo nome.

Agora não havia mais constrangimento. Todos em Écs-ti sabiam da mudança de nome. Na escola foi deixado bem claro para que ninguém chamasse a Jaciara de Ianderley. Nome estranho, nunca mais. Foi trazida à Jaciara uma autoestima que ela nunca teve. Mas que agora ela tinha.

Somos amigos, amigos do peito.

A paz voltou a reinar em Écs-ti. Uma frase um tanto que clichê, mas que resumia o momento. Iracema estava indo muito bem na escola. Notas altíssimas, elogio dos professores, facilidade no inglês. E o mais importante, agora ela tinha amigos. No começo, o retraimento não permitia que ela tivesse a capacidade de puxar conversa com quem não conhecia. Mas agora, ela superou isso. Ela e Jaciara (antiga Ianderley) estavam inseparáveis. Juntamente com elas, o Kevin e o Casper se tornaram ótimos amigos também e entraram no grupo. Os quatro eram inseparáveis e sempre eram vistos juntos.

Jaciara, de nome novo, nunca mais sofreu bullying. Agora era vida nova e exemplo de superação. Depois daquele caso, o diretor Andrew propôs na escola campanhas de conscientização contra racismo, xenofobia e bullying.

Numa tarde dessas, os quatro amigos estavam na escola. Eles estudavam de manhã, mas naquele dia se reuniram na escola para fazerem um trabalho em grupo.

A capivara da confirmação

Iracema foi a primeira a chegar. Enquanto os outros não apareciam, ela aproveitou para pegar um livro na biblioteca e ficou lendo. Logo depois, Casper havia chegado.

- Oi, Iracema. – disse ele.

- Oi, Casper. – disse Iracema.

- Chegou faz tempo?

- Nem tanto. Enquanto os outros não chegavam, eu até peguei um livro para ler.

- Qual é o nome desse livro?

- Eu Sou Um Gato.

- Você gosta mesmo de gatos.

- Inevitável. São as criaturas mais adoráveis que existem.

- Concordo plenamente.

Logo depois, Jaciara e Kevin também chegaram e se uniram ao restante do grupo. Iracema, Jaciara, Kevin e Casper trabalharam em equipe e o trabalho deles finalmente ficou pronto.

- Prontinho. Agora podemos ir. – disse Iracema.

Então todos saíram juntos. Eles passaram pelo ginásio da escola.

- Pessoal, que tal a gente curiosar um pouco o treino dessas patricinhas? – sugeriu Jaciara.

- Boa ideia. Sempre tive curiosidade em saber o que rola nesse ginásio no período da tarde. – disse Kevin.

- Quero só ver se esse treino de handebol é tudo isso que elas falam. – disse Iracema.

- Essa eu pago para ver. – disse Casper.

Os quatro ficaram espreitando o treino de handebol, onde Maria Michelle, Silmara, Josiane e outras meninas participavam. O treinador se chamava Vanderlino.

Iracema, Jaciara, Kevin e Casper ficaram escandalizados com o que viram ali. O treino parecia profissional. Mas só parecia mesmo, e de longe ainda. Mas aí eles perceberam que o treinador Vanderlino tinha o costume de pagar pau para umas, favorecer e adular as melhores, e excluir as mais fraquinhas, que não eram tão boas assim. Lá era separado por duas castas. As melhores e as falhadas. O que mais escandalizou ali foi o fato de o treinador muitas vezes xingar algumas das atletas de

nomes feios, que por questões de ética não citaremos por ser considerado imoral.

- Estou rosa chiclete! – disse Jaciara.

- Isso não existe! Onde já se viu um treinador xingar sua própria atleta com um xingamento referente à região do reto. Eu acho uma baita de uma falta de respeito e de profissionalismo! – disse Iracema.

- Esse Vanderlino é um fresco, descarado, atrevido. E ainda diz que é crente! – disse Casper, imitando um sotaque espanhol.

- Ele é pastor evangélico! Lá de uma igreja na cidade vizinha. – disse Kevin.

- Aposto que na igreja ele deve ser um santinho de altar. Mas fora dela, ele se revela. Ah, se um crente da igreja dele descobre que o “paxtô” deles xinga pessoas de palavrão. – disse Iracema.

- Ainda bem que eu não faço parte desses treinos. Acho isso uma tremenda duma falta de profissionalismo! Fazer acepção de pessoas, dar preferência apenas para umas e para outras não, insultar as atletas. Não sei como aguentam. – disse Jaciara.

- É porque elas são todas umas patricinhas. Elas não estão nem aí. Se acham só porque treinam. Elas gostam disso porque todo mundo aí é igualzinho. Só tem gente cricri. E quando alguém mais bonzinho entra, é massacrado. – disse Kevin.

- Eu sempre tive uma desconfiança de que isso não prestava. Nunca tive interesse em participar dessa equipe desportiva do colégio. Lembro quando Maria Michelle e Silmara me disseram que eu não podia ser amiga delas só porque eu não treino com elas, eu não pertencço à tribo delas. – disse Iracema.

- Elas são idiotas. – disse Casper.

- Poderíamos formar o nosso próprio time. Mas de futebol. Sem compromisso, só por pura diversão. – disse Jaciara.

- Boa ideia. Há algum propósito de existir um campinho de futebol em frente das nossas casas. – disse Kevin.

- Vou logo avisando que eu não sou lá essas coisas. É só por brincadeira. – disse Iracema.

- Ninguém aqui joga bem. Não precisa se preocupar. – disse Casper.

Motor 1.6

Daqui algumas semanas, Iracema iria fazer aniversário. E ela estava igual à Dona Aranha, subindo pelas paredes. Antes, no tempo que seus pais trabalhavam na área deles, tudo bonitinho, Iracema não precisava se preocupar. Ela sempre tinha certeza que no dia do seu aniversário, a festa estaria lá esperando. Mas agora, nessa má fase financeira deles, seria um tanto que impossível. O máximo que teria era uma pizza só pra ela e pros pais. Sem festa, sem nada.

- Estamos pensando em fazer uma pizza para a gente comer. Pizza com suco Saborelle. – disse Gervásio.

- Não podia ser um refrigerante não? – disse Iracema.

- Só se for com o seu dinheiro! Nós vamos fazer suco. – disse Gervásio.

Iracema ficou muito magoada com as palavras do seu pai. Ela já não ia ter festa, agora nem a um refrigerante ela teria direito? Gervásio foi muito insensível. Mesmo a situação sendo difícil, eles vivendo com setecentos reais.

Mas o que é que custa comprar um refrigerante? Eles iriam falar por isso? Acho que não.

- Você é insensível! Eu não sou sua empregada, eu sou sua filha! – disse Iracema, chorando. E saiu correndo para se descabelar no quintal.

Leila ao chegar, não entendia nada do que se passava.

- Iracema, volta aqui, vamos conversar! – disse Leila.

- Me chamou de insensível, pode isso? – disse Gervásio.

- O que foi que você falou para a menina? – perguntou Leila.

- Falei que não dava para comprar refrigerante para comer com pizza no aniversário dela. Aí ela saiu gritando como uma menina mimada de cinco anos de idade. – disse Gervásio.

- Até sei como você falou com ela. Você que não se apruma não. Eu vou lá falar com ela e volto para falar com você. – disse Leila.

Iracema estava no quintal chorando e maldizendo a vida e a situação.

- Eu odeio essa cidade! Eu odeio a minha vida! Eu odeio ser pobre! Nem a um refrigerante eu tenho direito no dia do meu aniversário. Na verdade eu queria uma festinha. Não vou ter! Desde que a gente caiu nessa cidade horrorosa, a minha vida se tornou um inferno! – chorava Iracema.

Leila chegou lá para acalmar sua filha. A primeira coisa que ela fez foi abraçar Iracema.

- Não chora, meu bem. Respira e vamos conversar. – disse Leila.

- Ô mãe, eu sugeri que a gente comprasse um refrigerante para tomar com a pizza no dia do meu aniversário. Eu já não vou ter festa. Daí ele pega e responde: “Compra com seu dinheiro”. Eu não mexo no meu cofre! Eu economizo as moedinhas para comprar um calçado, uma roupa. É tudo limitado. Quando recebemos doações da igreja de Aplausos, é só coisa velha. Eu não aguento mais. Antigamente todo ano eu tinha a minha festinha, quando chegava perto do meu aniversário, eu ficava feliz. Agora eu fico angustiada porque para mim a coisa mais deprimente é não ter uma comemoração decente. E não me venha com esse papo de que tem gente

que passa aniversário na hemodiálise, na quimioterapia, debaixo do viaduto ou com um febrão daqueles, só para dizer que eu não tenho do que reclamar porque eu tenho do que reclamar sim! Sou humana, reclamo mesmo! Ninguém merece tomar suco em pó. Aquele suco é ruim pra cacete! Meu pai podia ser mais sensível. A gente não vai à falência se comprar um refrigerante! – disse Iracema, chorando.

- Seu pai está estressado com a falta de dinheiro. Ele está tão mal quanto você. Ele queria te dar o melhor, mas acontece que a situação financeira está complicada. Mas é preciso ter fé, porque eu acredito que nossa situação vai melhorar. – disse Leila.

Assim que ela conversou com Iracema, Leila foi falar com Gervásio.

- Vacilou, hein, marido. – disse Leila – Você toma cuidado com o que você vai falar com a nossa filha. Ela já está sofrendo demais, não piore a situação.

Gervásio ficou refletindo na burrada que acabara de dizer.

- Iracema, vai ter refrigerante. A gente não vai à falência por isso, foi mal aí. – disse Gervásio.

A capivara da confirmação

- Foi mal não, foi péssimo. Mas eu te perdoo, paizinho lindo cheiroso. – disse Iracema.

- Chora não, cria. Papai te ama. – disse Gervásio.

- Também te amo. – disse Iracema.

- Mas vê se toma mais cuidado com as suas palavras. – disse Leila.

- Tudo bem, amor. Eu fui um grosso mesmo. Agora por favor, não me puna. – disse Gervásio.

- Vem, me dá um beijo. – disse Leila. E eles se beijaram.

Tudo ficou bem. Mas Iracema continuava triste por não ter festa. Um dia desses, a mãe da Leila, avó da Iracema, telefonou para Leila para saber como eles estavam. Então ela fez uma chantagem emocional, dizendo à Leila que se eles estivessem lá em Barretos, ela daria uma festa de aniversário para Iracema. Chamada encerrada.

- Sua vó ligou. Disse que se você estivesse lá, ela daria uma festa para você. Eu sei que não ajuda em nada eu falar isso, mas eu quero que você saiba de tudo. – disse Leila.

- Minha vó é especialista em chantagem emocional. Ela quer me humilhar. Ela pensa que é gostoso morar aqui nessa biboca desse fim de mundo! Ela sabe que tudo o que eu mais quero é ter uma festa de aniversário, e por isso faz questão de pisar nos meus calos simbólicos de estimação! Engraçado que ela disse que se eu estivesse lá, ela daria a festa para mim. Agora eu duvido que ela mandaria o dinheiro para que eu fizesse a festa aqui. – disse Iracema, e foi chorar no quarto.

Iracema se debulhava em lágrimas, tal qual uma mocinha de novela mexicana. Na casa da vizinha, tocava aquela música do Jorge e Mateus, que se chamava Aí Já Era. Aí Iracema chorou mais ainda. Ela não chorava por músicas tristes, mas o caso é que ela já estava mal, e a música triste servia para desgraçar com tudo mesmo. A música era música para se chorar de amor. Mas Iracema nunca chorava por amor. Chorar de amor era pros fracos. Iracema chorava era por dinheiro mesmo. Iracema se considerava uma mulher prática e bem resolvida. Chorar? Só se for por dinheiro.

- Sua mãe é especialista nisso. – disse Gervásio.

- Concordo com você. Eu é que não vou ficar defendendo-a só porque é a minha mãe. Ela tá errada, tá errada e pronto. – disse Leila.

A capivara da confirmação

- Não gosto de ver nossa menina sofrendo. Tudo o que eu mais queria é dar para ela do bom e do melhor. Eu me sinto um falhado na vida. De técnico em laboratório, eu me tornei um pastor de ovelha. – disse Gervásio.

- Não precisa se sentir assim. Você não precisa de auto-piedade. Você é mais que vencedor em Jesus Cristo. A culpa não é sua. A culpa é das circunstâncias. A culpa é de nós termos confiado na pessoa errada, que prometeu mundos e fundos, mas nos deixou lisos e lesos. – disse Leila.

Iracema havia parado de chorar, mas ainda estava triste.

- Fica triste não, cria. Tudo vai se resolver. – disse Leila.

- Assim espero. – disse Iracema.

- Me dá um selinho. – disse Leila.

Iracema deu um selinho na sua mãe. Elas eram muito ligadas e tinham muita intimidade. Não tinha esse negócio obsoleto de “bença pai, bença mãe”.

- Iracema, leia a bíblia. A confirmação da sua bênção está lá. – disse Leila.

- Ok. Vou ler. – disse Iracema. E pegou sua bíblia cor-de-rosa. Ela abriu lá em Mateus, capítulo seis, a partir do versículo 25.

“Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário. Olhai para as aves do céu; não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros, contudo o vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? Qual de vós poderá, com as suas preocupações, acrescentar uma única hora ao curso da sua vida? Quanto ao vestuário, por que andais ansiosos? Observai como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem fiam. Eu porém, vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?”

Aquela passagem bíblica falou muito com Iracema. Era a palavra certa que ela precisava ouvir. Então ela parou de se lamentar e passou a colocar o joelho no chão. Dias de campanha de oração, para que a situação financeira deles melhorasse. Iracema, de Tomé, passou a ser uma mulher de fé.

A capivara da confirmação

Foram vários dias de oração. Iracema não perdeu a esperança e nem a fé. Até que milagres aconteceram.

Primeiro, a avó de Iracema mandou uma quantia de duzentos reais para que Iracema comprasse uma roupa, um calçado. Ela e a avó combinaram de que a avó ia dar dinheiro ao invés de roupa, porque se Iracema deixasse a avó comprar a roupa, ela só compraria saia Maria-mijona de senhorinha de igreja, roupa de velha. Iracema detestava. Ela gostava de vestido de alcinha, calça comprida, saia bem acima do joelho. Enfim, roupa de gente jovem. Roupa de adolescente.

Iracema ficou feliz demais. Assim que recebera o dinheiro, ela separara o dízimo para a igreja. E aí se encontravam os verdadeiros milagres que aconteceriam. Não demorou muito, as coisas se multiplicaram. A tia de Iracema, irmã da Leila, também mandou presente em dinheiro. Cento e cinquenta reais.

Iracema fez contas, colocou o orçamento na ponta do lápis e fez descobertas formidáveis.

- Aleluia! – disse Iracema.

- Deus provê. – disse Gervásio.

- E aí, já tem em mente o presente que você quer comprar? – perguntou Leila.

- Sim, tenho. – disse Iracema – Vou comprar um vestido, um calçado e arrumar meu cabelo. E fazendo as contas, eu descobri o milagre da multiplicação. Vão sobrar 110 reais. Daí vocês inteirando com 25 reais, fica 135 reais, que eu analisando, observei que é possível dar uma festinha para nós, para meus melhores amigos e os pais deles. Coisinha íntima mesmo. Fiz o cálculo do cento de salgado, do bolo que vai ser comprado porque sai mais em conta. Pode ser pequeno mesmo porque não é muita gente e ninguém precisa ficar enchendo a pança, calculei o refrigerante, o brigadeiro e o beijinho. Sendo que os últimos eu posso fazer em casa. Temos manteiga e achocolatado em pó. Falta comprar o leite condensado, o coco ralado para o beijinho, e o granulado para o brigadeiro, e as forminhas para os dois. Sou ou não sou um gênio?

- Falou a mestra das finanças. Estou de queixo caído. Nada mal. – disse Gervásio.

- Isso é um milagre. Tudo porque você colocou seu propósito em oração e também porque você dizimou. – disse Leila.

- Sim, mamãe. Deus prospera quem dizima. Então os vinte e cinco reais que a gente ia gastar na pizza só pra nós, agora serve para inteirar com os cento e dez que eu tenho. As circunstâncias falaram que não ia ter festa. Vai ter festa sim! Obrigada, Deus! – disse Iracema.

A situação se inverteu para Iracema. Ao invés de choro, era só sorriso. Agora o negócio estava ficando bom. Tudo melhorou quando Iracema parou de se lamentar e começou a acreditar.

Iracema convidou seus amigos para estar no dia especial de sua festa de aniversário de dezesseis anos. Todos confirmaram presença.

O aniversário de Iracema seria naquela semana. Os preparativos estavam indo a todo o vapor. Não tinha muito com o que se preocupar. A festa seria simples, mas todo mundo ia se divertir e dançar. Iria acontecer no quintal da casa. Não haveria decoração, mas também Iracema nem se importava. A decoração era a decoração da natureza. A decoração do céu com as estrelas e a lua brilhando lá em cima. Iria ter muita música dançante. Não é porque Iracema era evangélica que não podia dançar. Iracema dançava mesmo e não estava nem aí. Só não podia dançar dança sensual ou imoral. De resto, estava

valendo. Era só o que faltava ter de se alienar a ideias retrógradas do tempo do ronca.

Os milagres não pararam por aí. Sabendo que Iracema faria aniversário, uma conhecida deles lá da igreja de Aplausos, também mandou o seu presente.

- Maquiagem! Que legal! Eu amei o presente! Eu necessitava disso! – disse Iracema.

- Acaba-se o seu drama. – disse Leila – Telefona para ela agradecendo.

- Com certeza. – disse Iracema.

Ainda tinham mais. Iracema se queixava de que as doações de roupas e calçados que algumas pessoas da igreja de Aplausos mandavam era só coisa velha. Raramente algo aproveitável. Mas dessa vez foi diferente.

Dia desses, eles receberam uma doação. Iracema pensou: “Mais velharia, eu não me presto a usar isso”. Mas como ela era curiosa, foi logo ver do que se tratava para ver se alguma coisa dava para aproveitar antes de mandar para alguém mais pobre e necessitado. Descrente, ela foi garimpar. A sacola pelo menos era bonita. Mas já ouviu aquele ditado, “Por fora bela viola”? Pois bem, não era o caso. Iracema ficou impressionada com o que viu ali.

- Jesus amado! – disse Iracema.

Mesmo sendo doação, era tudo quase novo. Seminovo. Havia uns seis vestidos, uma calça jeans, seis pares de calçados e três lingerie. Tudo de mulher.

- Mãe, vem aqui. – disse Iracema – Olha o que chegou.

- Gente, mas tudo isto é quase novo. – disse Leila.

- Tem uns calçados que ainda estão na caixa. Acho que só foram usados uma vez na vida e nunca mais. Três vestidos para mim e três para você. Divisão justa. Tem uma calça, mas ela é do meu número, então eu vou ficar com ela. Eu que estou mais precisada, pois eu consumo muita calça jeans para ir à escola e para ir a Aplaúso. Agora os calçados, vamos ver se algum serve para você. – disse Iracema.

- Vamos experimentar. – disse Leila – Ai que finíssimo.

Iracema ficou com três vestidos, e Leila ficou com outros três. Serviram perfeitamente. Agora os calçados, apenas dois serviram para Leila. Iracema ficou com quatro.

- Numeração pequena. Meu pé é menor do que o seu. – disse Iracema.

- Tudo bem. Já estou satisfeita. São lindos. – disse Leila.

No dia anterior ao aniversário de Iracema, ela e sua mãe viajaram para Aplausos para as compras. Iracema fez uma compra bem sucedida. Após isso, ela foi ao salão de beleza para arrumar o cabelo e fazer as unhas. Leila foi também.

Fazia um bom tempo que Iracema não ia ao salão. Voltar lá era gratificante. Finalmente ela iria arrumar o cabelo, acabar com o volume que a incomodava e resgatar a autoestima.

Iracema fez selagem no cabelo. Um procedimento a base de queratina que não era agressivo como a progressiva ou alisamentos. O cabelo dela ficaria liso, e depois de cinco meses, quando o efeito passasse, o cabelo não ficaria danificado.

O resultado foi ótimo. Iracema adorou.

- Que lindo. Eu estou amando o meu cabelo. – disse Iracema.

A capivara da confirmação

- Ficou ótimo. Até ganhou uns centímetros a mais. – disse Leila.

Próxima etapa, fazer as unhas.

- Vermelho. – disse Iracema – Hoje eu vou tirar a virgindade das minhas unhas.

- Que ousada. – disse Leila – Mas será que o pastor vai falar alguma coisa?

- Tô nem aí. Eu não me alieno a ideologias antibíblicas de uso e costume. Não é porque eu sou evangélica que eu tenho que andar esculachada. Os tempos mudaram. E outra, amanhã faço dezesseis anos. Restrições a cores escuras são para menininhas de cinco anos. – disse Iracema.

As unhas de Iracema ficaram lindas e bem feitas. Nos pés, francesinha. Nas mãos, um vermelho bem chamativo e aberto.

- Iracema, você está elegante. A cara da riqueza. – disse Leila.

- Obrigada, mamãe. Imagem pessoal é tudo. Ah, eu estou feliz. Não paro de namorar meu cabelo novo. – disse Iracema.

Após um excelente dia, Iracema e Leila voltaram para a casa.

- Amanhã é o dia. Friozinho na barriga toma conta.
- disse Iracema.

Assim que elas chegaram em casa, Gervásio ficou impressionado com o novo visual da filha.

- Cria, é você mesma? - disse Gervásio.

- Sim, paizinho lindo. A própria Iracema ao vivo e a cores, e de cabelo novo. - disse Iracema.

- Ah, mas como ela está feliz. - disse Leila.

- Autoestima é tudo. - disse Iracema.

Naquela noite, Iracema foi dormir com aquele friozinho na barriga. Ela mal podia esperar pelo dia seguinte. Ela se rolava na cama de tanta ansiedade.

No dia seguinte, quando ela despertou, a primeira coisa que veio à cabeça dela foi:

- Já tenho dezesseis anos. É hoje.

Iracema levantou-se e foi tomar um banho para ir pra o colégio.

- Hoje o dia promete. - disse Iracema.

A capivara da confirmação

Ela se vestiu e se maquiou. Agora ela tinha maquiagem.

- Feliz aniversário! – disseram Leila e Gervásio.

- Obrigada! – disse Iracema.

- Deixa eu tirar a primeira foto de você com dezesseis anos. – disse Gervásio.

- Vá em frente. – disse Iracema.

- Prontinho. Nossa, mas que fotogênica. – disse Gervásio.

- *Seriously?* – disse Iracema.

- Sim, com certeza. – disse Leila.

Após o café da manhã, Iracema foi para a escola. Lá, ela se encontrou com os amigos dela.

- Feliz aniversário, amiga. Me dá um abraço. – disse Jaciara.

- Obrigada, amiga. – disse Iracema.

- Mas que cabelo chique. E essa unha então? Muito bem feita. – disse Jaciara.

- Fui ontem ao salão lá em Aplausos. Eu estou me sentindo. – disse Iracema.

Logo depois, Kevin e Casper chegaram.

- Iracema, você está linda. Feliz aniversário. – disse Casper.

- Obrigada, Casper. – disse Iracema.

- Parabéns. – disse Kevin.

- Obrigada, Kevin. – disse Iracema – Então, animados para hoje à noite?

- Com certeza. – disse Jaciara.

- Essa noite a gente vai dançar muito. – disse Iracema.

- Primeira vez que eu vou ver a Iracema dançando. – disse Casper.

- Não espere uma dançarina, porque eu não sou tudo isso. Só danço para me divertir, e ainda por cima eu sou contida até demais para não correr o risco de pagar mico. – disse Iracema.

- Tá precisando perder essa vergonha. – disse Kevin.

A capivara da confirmação

- Vou pensar nisso. Mas é que tem gente que não sabe dançar, mas mesmo assim insiste em soltar as frangas, e acaba saindo uma dancinha ridícula. Daí eu tenho medo de me incluir nesse grupo. Na minha antiga escola, eu estudei com um menino que era cara de pau mesmo, dançava mesmo sem saber dançar. Um dia na escola, estava tocando aquela música *“eu estava pensativo, quando eu fui no pagodinho pra te encontrar. Peguei meu cavaquinho, fiz um samba bonitinho pra te ver sambar. Vem, vem!”* – disse Iracema, começando a imitar a dancinha ridícula da pessoa de quem ela estava falando. Todo mundo estava rindo.

- E eu lá só observando. – disse Iracema, rindo.

- Muito hilário. – disse Casper – Mas, dependendo da situação, às vezes é preciso aprender a se divertir sem se importar com que os outros vão pensar.

- Pra tirar sarro, muitas vezes eu danço mal somente para ser engraçado. – disse Kevin.

- Pensando bem, é divertido. – disse Jaciara.

- Olhando por esse ângulo. – disse Iracema.

Então os quatro se puseram a fazer uma dancinha muito hilária. Jaciara tinha no seu celular aquela música que a Iracema havia citado. Eles dançaram e riram litros.

Aquele dia estava sendo ótimo. Na escola, foi tudo tranquilo. Iracema, graças a Deus, não foi surpreendida com nenhum ataque de ovos na cabeça.

Quando a noite caiu, Iracema se produzia toda para sua festa de aniversário. Ela colocou o vestido e o calçado novo que comprara no dia anterior. Fez uma maquiagem linda, se perfumou e estava pronta. No quintal da casa, tudo estava pronto. O bolo, os salgadinhos, os docinhos e os refrigerantes. Tudo disposto em uma mesa, e com a toalha de mesa mais bonita que eles tinham. Haveria música e dança. Gervásio e Leila também se arrumaram.

Batem na porta. Iracema foi atender.

- Casper! Entre, por favor. – disse Iracema.

- Você está incrível. – disse Casper.

- Olá, mãe do Casper. Olá, pai do Casper. – disse Iracema.

- Olá! – disseram eles juntos.

- Então você é a famosa Iracema. – disse a mãe do Casper.

- O Casper vive falando de você. – disse o pai dele.

A capivara da confirmação

- Que legal, eu sou famosa. Venham, me acompanhem. – disse Iracema. Ela ficou toda balançada quando soube que o Casper estava sempre falando dela para os pais.

- Eu trouxe presente para você. – disse Casper.

- Obrigada. – disse Iracema – Me dá um abraço.

Eles se abraçaram. Depois foram lá para os fundos da casa, onde estava a festa. E ficaram conversando. Quando um estava na presença do outro, rolava um friozinho na barriga.

A porta bateu de novo.

- Casper, eu vou atender. Já volto. – disse Iracema.

Os demais convidados chegaram todos juntos. Ianderley com sua mãe, e Kevin com seus pais.

- Todo mundo! Sejam bem-vindos. Entrem, por favor. – disse Iracema.

Todos cumprimentaram Iracema, e lhe entregaram os presentes.

- Obrigada! – disse Iracema. – Sigam-me.

Todos foram para o quintal. A música tocava. Gervásio e Leila foram cumprimentar os convidados. Enquanto isso, Iracema se divertia com seus amigos.

- Iracema, agora o nosso combinado. Queremos ver você dançando. – disse Casper.

- Tá falando sério? – disse Iracema – Ok, ok. Mas só se todo mundo dançar também.

- Beleza então. Vai todo mundo. – disse Ianderley.

- Vamos filmar. – disse Kevin.

- Não tenho problema com câmeras. Vá em frente. – disse Iracema.

Eles ficaram dançando ali. Estavam se divertindo e rindo muito.

Então chegou a hora de cantar os parabéns para Iracema.

“Parabéns pra você, nesta data querida. Muitas felicidades, muitos anos de vida. Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida”.

Depois dos parabéns, eles cantaram “Com Quem Será”.

“Com quem será, com quem será. Com quem será que a Iracema vai casar? Vai depender, vai depender, vai depender se o Casper vai querer”.

Iracema ficou corada e riu timidamente.

- O primeiro pedaço do bolo na verdade são dois primeiros pedaços. Para as pessoas que eu mais amo, que me ensinaram que ao invés de lamentar, eu preciso acreditar. Ensinaram-me uma lição para ser levada para a vida toda. O primeiro pedaço vai pros meus pais. Amo vocês. – disse Iracema.

Aplausos. De verdade, e não o nome da cidade grande que ficava lá perto. Ou seja, todos ali aplaudiram. Logo depois, todos estavam comendo e bebendo. Iracema e seus amigos estavam se socializando, conversando e rindo alto.

- Gente, de onde vocês inventaram esse negócio de “vai depender se o Casper vai querer”? – perguntou Iracema.

- Pensa que nascemos ontem. Repara no jeito que vocês se olham. – disse Jaciara.

- É mesmo. Todos nós somos observadores. – disse Kevin.

- Vocês são fora de série. – disse Casper, rindo.

Iracema também riu.

Após comerem, todos voltaram a dançar. Aquela festa estava bastante animada. Iracema estava radiante, e se sentia a pessoa mais feliz da face da terra. Foi um aniversário memorável, para se ficar na história.

- Dança comigo. – disse Casper.

- Claro que sim. – disse Iracema.

Eles formavam um caszinho lindo. Todos concordavam com isso.

- Nos seus olhos há um mistério. – disse Casper.

- Que legal, eu sou misteriosa. Interessante. Mas como se percebe isso? – disse Iracema.

- Não tem como explicar.

Aquela festa foi memorável. Tudo foi fotografado para guardar para a posteridade e para postar nas redes sociais.

O mistério de Iracema

Casper bem que notou certo mistério nos olhos da Iracema. E certamente ele notou bem. Como foi citado bem no início, Iracema tinha um segredo que não queria que ninguém soubesse. Nem para seus amigos ela havia contado.

Você deve estar se imaginando o que pode ser. Um passado que a condena, ou algo que supostamente ela teria aprontado, ou algo comprometedor. Não. Nada disso. Iracema era de uma conduta irrepreensível. Ela era uma santa. Uma pessoa politicamente correta, certinha até demais, heroína até demais. O segredo se tratava de outra coisa. Algo que apenas ela, seus pais, o diretor Andrew, os secretários e o corpo docente da escola sabiam, mas a pedido de Iracema, eles não podiam contar para ninguém. Era algo que era desnecessário esconder, mas Iracema preferiu assim.

Certo dia, Iracema andava distraída. Casper vinha em sua direção, também distraído, e os dois se esbarraram, fazendo com que os livros e a agenda de Iracema caíssem no chão.

- Foi mal. – disse Casper – Deixa-me ajudar.

- Tudo bem, não foi nada. – disse Iracema.

A agenda de Iracema estava com o cadeado aberto, e caiu dela uma fotografia. E o Casper viu. Ele viu o conteúdo da foto.

- Nossa, que legal. – disse Casper.

- Casper, me devolve essa foto agora. Por favor. – disse Iracema.

- Tudo bem, mas porque você não quer que ninguém saiba que você... - disse Casper.

- Aqui não! Não fala! – disse Iracema.

- Calma. Vamos conversar em um lugar mais reservado então. – disse Casper.

Iracema e Casper foram conversar em um lugar que não havia ninguém perto.

- Agora que estamos só nós dois, me responde uma coisa. Por que você nunca disse que esteve em Bruxelas? – perguntou Casper.

Então era isso. O segredo de Iracema. Mas por que ela escondeu? Mas Iracema decidiu blefar até onde dava para blefar.

- O que te leva a pensar que esse lugar da foto se trata de Bruxelas? – disse Iracema.

- Não sou um desses burros que você está acostumada a ver aqui em Écs-ti. Eu tenho condições intelectuais de reconhecer Bruxelas. Para mim você não precisa omitir. Pode falar. Eu prometo manter isso confidencial. – disse Casper.

Iracema começou a contar a história, que era comprida:

- Já que você reconheceu mesmo, eu vou falar. Eu estive mesmo em Bruxelas. Eu morei lá com meus pais durante um ano. Ah, e antes que você me pergunte como eu vim parar aqui nesse fim de mundo, eu te respondo. Tudo começou assim. Sempre tivemos o sonho de conhecer a Bélgica. Éramos movidos pela curiosidade e pela vontade de viver em um país diferente, uma cultura diferente. Tanto que quando eu era criança, eu gostava de brincar que eu era a presidenta da república lá na Bélgica. Na minha brincadeira, eu como presidenta, era uma figura icônica e bem doidona, com direito a algumas polêmicas. Doce infância. Mas voltando a realidade. Até que um dia

nós fomos com a cara e a coragem. Mas o problema é que minha mãe não conseguiu revalidar o diploma de ensino superior. Não sei se você sabe, mas a minha mãe é formada em Fisioterapia. E visto que ela não havia conseguido, ela teve que trabalhar na área do Home Care. Meu pai, idem. Entramos na Bélgica com o visto de turista, com duração de três meses. Depois que os três meses acabaram, ficamos ilegais lá. Mas por um ano isso nunca nos atrapalhou. Eu consegui me matricular na escola, não precisei regredir uma série. Foi ótimo. Vivemos até bem lá. Só não era cem por cento porque meus pais não estavam trabalhando na área deles. Mas de resto, estávamos vivendo bem melhor lá do que aqui no nosso próprio Brasil agora. Ah, e antes que você fique pensando que a gente voltou porque a imigração bateu em cima e nos escorraçou de lá, não é nada disso. Voltamos pelo fato de que os passaportes dos meus pais venceram, e eles precisavam fazer outro. O meu não venceu, pois eu tirei o meu por último, e o meu já é o azulzinho do MERCOSUL. E outra treta, antes de sairmos da Bélgica, minha mãe perdeu o emprego. E meu pai saiu do dele para a gente viajar. A passagem era de ida de volta, então até dava para decidir voltar se a gente quisesse. Mas não deu. Meus pais acharam que era ousado demais voltar, porque vai que eles não conseguem emprego outra vez? Como iríamos comer? E sem dinheiro, nem dava para

voltar para o Brasil. Mas um dos motivos que desencadeou mesmo o problema, foi nós termos confiado na pessoa errada. Um filho da mãe de um pastor lá da igreja matriz em Aplausos do ministério que nós congregamos. Tipo, nós já queríamos ir para Bélgica por conta própria. Mas quando ele soube que tínhamos esse plano, ele supostamente ofereceu um suposto apoio, disse que ia nos ajudar, que a gente iria ser missionário lá, que iria mandar dinheiro todo mês, e promover nosso trabalho missionário. Antes de viajarmos para lá, ele nos colocou lá em cima, falou que iria investir em missões, falou em um trabalho missionário na Bélgica, nos colocou como missionários. Acredita que até uma profetada eu recebi? No final do culto, uma mulher chegou em mim e disse que eu ia ser uma grande cantora e cantar muito lá na Europa. Bom, pelo menos nessa parte de cantar ela acertou. Eu cantava lá na igreja, assim como eu canto aqui. Mas quando já estávamos na Bélgica, esse pastor não nos ajudou em absolutamente nada. Uma vez só na vida que ele mandou uns trocados lá. E só. A gente teve que se virar nos trinta lá. Mas é o que eu te falei. Meus pais trabalhavam. E com pastor ou sem pastor, iríamos do mesmo jeito. Mas deu tudo errado. E quando voltamos para o Brasil, e resolvemos ficar, esse mesmo pastor nos apresentou Écs-ti como única opção. Conseguiu um emprego para o meu pai cuidar de ovelhas. Ovelha de

verdade, que têm lã e que berram. Não é ovelha gente que é crente não. Mas também, além disso, ele colocou o meu pai como evangelista na igreja aqui, que é congregação da matriz de Aplausos. De qualquer forma, a gente lida com os dois tipos de ovelha. Ovelha gente e ovelha bicho. Então o motivo pelo qual a gente caiu aqui. Meus pais estavam desempregados, nós precisávamos de dinheiro para sobreviver. Só tinha essa opção. Ou era vir para Écs-ti ou vir para Écs-ti. Agora você já sabe a minha história.

- Roteiro de filme, hein Iracema. Mas eu não entendi por que você manteve isso em confidencial. Tudo isso que você me contou não tem nada demais. Você omitiu isso como se fosse um passado condenável, como se fosse algo gravíssimo que ninguém poderia saber. - disse Casper.

- Você não está entendendo, Casper. Se eu falasse, todo mundo ia ficar me interrogando, e jogando na minha cara que eu saí do conforto lá de Bruxelas para vir parar aqui nesse cafundó onde o Judas perdeu a ceroula. E eles jogando isso na minha cara. E eu ia sofrer mais do que eu estou sofrendo. Você pensa que eu escolhi vir para cá? Que é gostoso morar aqui nessa cidade? Os únicos que sabem disso são: o diretor Andrew, os secretários da escola e os professores, pois eles iriam ver meu histórico,

minha transferência da escola que eu estudava lá. Eu pedi sigilo absoluto, segredo de estado. Eu escondi tanto, que as minhas fotos na Bélgica que estão no Facebook estão bloqueadas. Eu coloquei um cadeado. Só eu posso ver. – disse Iracema.

- Eu compreendo, Iracema. É realmente complicado. Mas você precisa aprender a não se importar com o que os outros pensam. Até sei que deve doer você sair de um país desenvolvido da Europa e vir parar aqui. Mas você não pode se importar se alguém jogar isso na sua cara. A culpa não é sua se você veio morar aqui. Você não escolheu vir para cá. O que importa é a realidade e não a opinião dos outros. – disse Casper.

- Você tem razão, Casper. Mas que eu tive medo de me expor, isso eu tive. Só que meses depois, é até incabível eu chegar até a galera e gritar para a torcida do Flamengo inteira: “Gente, eu morei na Bélgica!”. É a mesma coisa que colocar uma melancia no pescoço. Não é assim que dizem aqui no Brasil? – disse Iracema.

- Também não é assim. Mas você pode desbloquear as suas fotos do Facebook que foram tiradas na Bélgica. Daí eles vão ver, alguém vai te perguntar onde era aquele lugar onde você estava, ou se você morou no estrangeiro. Você só responde com a maior naturalidade do mundo

que esteve na Bélgica. E se alguém jogar na sua cara que você saiu de lá para vir parar aqui nesse fim de mundo, não precisa dar detalhes. Só falar que você não tinha como escolher, e que você não veio para cá por vontade própria. Simples assim. Iracema, a vida é simples. Você é que complica. – disse Casper.

- Faz sentido. – disse Iracema.

- Mas quando você chegou, disse que era natural de Barretos, lá em São Paulo, procede? – disse Casper.

- Procede. Sou paulista patriota, daquelas que carregam nos “erres” de porta, de porteira. Com muito orgulho com muito amor. O que não é nenhuma mentira, porque eu nasci lá. Eu sou de lá. E outra, eu não saí de Bruxelas e caí direto aqui em Écs-ti não. Primeiro, o meu voo tinha destino a São Paulo. De São Paulo fui à Barretos, onde mora a minha avó. Eu amo Barretos, eu queria estar morando lá pelo menos. O choque seria menor. Mas acontece que lá as portas de emprego para meus pais não estavam abertas. E como conhecíamos aquele pastor que eu falei lá em Aplausos, ele nos fez essa oferta indecente de vir para cá. – disse Iracema.

- Eu também sou paulista. – disse Casper.

- Sério? Não creio! Por isso que você é totalmente diferente dessa gente daqui de Écs-ti. Você não tem nada a ver com eles. Fala certo e tem cultura. – disse Iracema.

- Você também. Antes mesmo de você dizer que veio de São Paulo, eu percebi que você não tem nada a ver com o povo daqui. Tanto na maneira de falar, quanto na sua personalidade. – disse Casper.

- Deve ser por isso que muitos aqui já me chamaram de estranha. – disse Iracema.

- Eles não sabem de nada. Na minha concepção, estranhos são eles, que falam feio pra cacete, são mal-educados, sem cultura. Se um deles te chamou de estranha, é porque você causa admiração neles. Para mim, isso só tem um nome: fã enrustido. – disse Casper.

- É o que os meus pais falam. Hoje já nem me importo mais com o que pensam ou deixam de pensar da minha pessoa. Beijinho no ombro. – disse Iracema.

Iracema e Casper nunca passaram tanto tempo assim conversando. Iracema finalmente teve seu mistério desvendado. Mas só para uma pessoa. O bicho ia pegar quando Écs-ti inteira descobrisse.

- Preciso ir. Até mais. – disse Iracema.

- Iracema. – disse Casper.

- O que foi? – perguntou Iracema.

- Eu tenho ascendência belga. – disse Casper.

- Que legal. É por isso que você reconheceu Bruxelas na minha foto. – disse Iracema.

- Um dia pretendo ir à Bélgica. – disse Casper.

- Eu também. No meu caso, voltar. – disse Iracema.

- Que legal. Imagina só a gente morando lá em Bruxelas. – disse Casper.

- Ia ser muito da hora. – disse Iracema.

Iracema foi conversar com seus pais sobre o desvendamento do mistério.

- Pai, mãe. O Casper já descobriu tudo. – disse Iracema.

- Em relação à Bélgica? – perguntou Leila.

- Sim, mamãe. Acidentalmente, ele viu uma foto que estava na minha agenda. Ele foi capaz de reconhecer que se tratava de Bruxelas. Aí eu contei para ele. – disse Iracema.

- Fez muito bem. Não sei por que cargas d'água você quis esconder isso de todo mundo como se fosse um passado cabeludo. – disse Gervásio.

- Não queria que jogassem na minha cara que eu saí de lá para vir parar aqui. Mas o Casper foi bem inteligente e ele não ficou me perguntando disparates, e até entendeu minha situação. – disse Iracema.

- Beleza, mas agora você está se sentindo mais segura para permitir que os outros também saibam disso? Sim, pois não é justo que apenas o Casper conheça seu passado e seus outros amigos não. – disse Gervásio.

- Sutilmente, pai. Sutilmente. Eu vou desbloquear as minhas fotos da Bélgica no Facebook para que todos vejam. Vou colocar na minha timeline a escola onde eu estudei lá. Pronto. Daí eu não vou ter que ficar fazendo pronunciamento igual à Dilma. E se alguém me perguntar, eu respondo na maior naturalidade do mundo que estive lá. Sem dar detalhes. – disse Iracema.

- O melhor que você faz. Já faz alguns bons meses que moramos aqui. Não precisa continuar mantendo segredo. É melhor que as pessoas saibam por você do que pela boca dos outros, o que é bem pior. – disse Leila.

Naquela tarde, Iracema mostrou no Facebook para quem quisesse ver, as suas fotos tiradas na Bélgica. Ganhou várias curtidas, o que significava que o povo de Écs-ti ficava sabendo.

- Amanhã lá vem coletiva de imprensa. - disse Iracema.

Iracema, a belga.

No dia seguinte na escola, pronto, todo mundo estava sabendo que Iracema veio da Bélgica. Aí era a perguntação.

- Eu vi o seu Facebook? Você esteve na Bélgica? Que legal! – dizia uns.

- A Iracema morou no estrangeiro! Que chique! Por que você nunca falou nada? – dizia outro.

- Namorada do Fellaini. – dizia os mais gaiatos.

- Pronto, até do Fellaini eu virei namorada. Esse povo inventa. – disse Iracema, rindo. Por enquanto ela levava tudo na esportiva.

Mas então começou as perguntas que ela temia.

- Sair da Bélgica para vir parar nesse fim de mundo! Eu ficava lá. – disse um.

- É doida mesmo. Aqui é o fim do mundo! O que foi que você viu nessa cidade? – dizia outro.

- Onde fica a Bélgica? – perguntou outro.

- Bélgica se localiza na Europa. Fica perto da Holanda, Luxemburgo, fica perto da França. – respondeu Iracema.

- Que língua se fala lá? – outro perguntou.

- Francês, alemão e neerlandês. Mas como eu morava em Bruxelas, eu só falava francês e inglês, e estava começando a aprender neerlandês. É tipo holandês, só que mais puro, sem misturar com inglês. – disse Iracema.

- Mas você é brasileira mesmo? – perguntou um lá.

- Sim, eu sou brasileira. Só morei um ano lá. – respondeu Iracema.

- E por que você não ficou lá? – perguntavam.

- Porque não deu certo. O passaporte dos meus pais venceram, minha mãe não conseguiu revalidar o diploma dela. Eu não saí de lá porque eu quis sair. Nunca quis vir para cá. – disse Iracema, já irritada com tanta indaga.

A situação já estava insustentável. Jaciara, Kevin e Casper foram proteger Iracema.

- Pessoal, pode parar! – disse Casper.

- Estão fazendo a mesma coisa que fizeram comigo quando descobriram que eu era moçambicana. Isso irrita.

A capivara da confirmação

Esse povo parece que veio da roça, nunca viu gente que morou no estrangeiro. Eu só não omiti as minhas origens como a Iracema fez porque o meu sotaque me entrega. – disse Jaciara.

- Todo mundo já sabe que a Iracema já morou fora do país. Pronto. Sabia que irrita ser interrogado? – disse Kevin.

- Obrigada, meus amigos. Obrigada pela proteção. Já estava ficando sufocada com tanto interrogatório. Sabe como estou me sentindo? Numa coletiva de imprensa. – disse Iracema.

- Não liga para eles não. Eles pensam que Bélgica é aqui atrás da porta. – disse Casper, rindo.

- Aliás, tem uns aí que nem sabiam que existia a Bélgica. – disse Jaciara.

- Só vocês para me fazerem rir em um dia sufocante desses. – disse Iracema, rindo.

Iracema ficou triste. Naquele dia, a pergunta que ela mais ouviu foi “Por que você trocou a Bélgica por esse fim de mundo?”. Como se Iracema achasse Écs-ti um pai d’égua de bom. Iracema não tinha escolha. Ela e seus pais não tiveram escolha. Quem é Iracema? Só uma menina de

dezesseis anos de idade, cursando o ensino médio e que não tem poder para nada.

Naquele dia, Iracema chegou em casa chorando.

- O que aconteceu, meu bem? – perguntou Gervásio.

- Minha vida é uma droga! Essa cidade é uma droga! Todo mundo me pergunta por que eu saí de Bruxelas e vim parar aqui nesse fim de mundo. Eles acham que eu sou uma doida e vim para cá por iniciativa própria, como se eu gostasse de viver aqui nesse meio de mato. Eu estou morrendo de vergonha! É por isso que eu nunca havia falado para ninguém antes. Para não ter que escutar essas coisas. Eu já sofro. Agora com gente jogando na minha cara isso, aí piora. – disse Iracema.

- Não chora, bebê. Não liga para esse povo besta. Eles não sabem de nada. E outra, foi desnecessário você esconder o fato de ter morado em Bruxelas. A diferença é que você só adiou o que um dia seria inevitável. – disse Leila.

- Iracema, não tem nada de condenável nisso. Você escondeu esse segredo como se ele fosse um pecado cabeludo. Você nunca esteve no reformatório, não matou, não roubou. Então pronto. Não tem do que se

envergonhar. E mesmo se você tivesse feito tudo isso, seria passado. Não importa quão tenebroso for o seu passado, você tem que andar de cabeça erguida. Agora morar no exterior não é tenebroso. Morar no exterior é algo que você tem que se orgulhar de falar. Não liga para esse pessoal. Eles têm visão de galinha, visão de mula. E você, Iracema, é uma pessoa inteligente que tem um futuro brilhante. Você não está predestinada a viver nesse buraco o resto da vida. Você é capaz de fazer a diferença. Eu conheço seu espírito empreendedor. Eu sei que você é do tipo que pensa fora da caixa, que não segue a boiada, que tem sua opinião formada. Ignora essa gente. Você não tem que ficar se explicando para eles. A vida é sua e pronto. – disse Gervásio.

- Iracema, não tenha vergonha de morar em Écs-ti depois de ter morado na Bélgica. Você tem que ter orgulho. Você tem que andar de cabeça erguida perante esse povo. Deus vai entrar em providência, e nós vamos embora daqui. Não é da vontade deles que a gente more aqui pra o resto da vida. – disse Leila.

- Obrigada pelas palavras de consolo. Vou lutar e vou vencer. E enquanto isso, eu não tenho do que me envergonhar. Perante esse povo andarei de cabeça erguida. Não devo nada a ninguém. – disse Iracema.

Tá uma benção!

A vida seguia em Écs-ti. Mas mudanças significativas aconteceriam.

Iracema, em sua história sobre a Bélgica, citou acerca de certo pastor da igreja matriz do ministério deles. Então. Gervásio e Leila decidiram mudar de ministério. Primeiro, por ter confiado numa pessoa que os colocou numa situação para ficarem lisos e lesos. Segundo, porque lá na congregação onde eles frequentavam em Écs-ti, eles precisavam andar pisando em ovos por causa dos puritanos. Tipo, eles eram privados de usar o que eles queriam. Gervásio não podia deixar a barba crescer, para de vez em quando variar o visual. Para ir no culto, tinha que andar de paletó e gravata num calor infernal, e não podia usar camiseta e calça jeans, pois ele era evangelista e tinha que trajar uma indumentária condizente. Tão nada a ver. Iracema e Leila não podiam usar cores escuras de esmalte, e nem aparecer de calça na igreja. Não era proibido nem pecado, mas tinha uns crentes fofoqueiros que iam ficar falando, iam ficar escandalizando e até inventando histórias. Iracema era a mais inconformada com isso. Ela queria usar o que quisesse sem medo de ser

feliz. Iracema era a mais anarquista, mesmo sob as rédeas, ela dava seu jeito de fazer as coisas. Fora da igreja, ela usava calça mesmo, usava brinco mesmo, usava shortinho, enfim. As cores de esmalte mais chamativas e mais “cheguei”, era com ela. Desde os fluorescentes até os vermelhos, Iracema adorava. Achava isso de uso e costume a coisa mais besta que existia. Coisa da roça, coisa dos anos 80 pra trás.

Então os três resolveram pedir as cartas de mudança e foram para outra igreja. Uma igreja bem mais aberta em relação às vestimentas, que não ficava com essa frescura de uso e costume. Pregava bíblia e pronto. A Palavra de Deus como ela era e sem invenção. Coincidências boas, era nessa igreja que congregavam a Jaciara, o Kevin, o Casper e seus respectivos pais. Iracema também iria entrar para o time agora. O que seria ótimo. Amigos na escola, na rua e na igreja. Inseparáveis.

Depois que eles saíram daquele ministério onde eles se encontravam, a vida deles melhorou e muito. Mudou da água para o vinho. “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”.

Notícias ótimas. Leila conseguiu emprego na área dela. O antigo fisioterapeuta que trabalhava na Unidade de Saúde da cidade saiu, e a vaga ficou livre. Leila

mandou o currículo para a prefeitura. E foi contratada. Agora, Leila estava empregada. Voltou a trabalhar na profissão que estudara cinco anos. E Gervásio, também ficou no lucro. Ele também conseguiu emprego como técnico em laboratório na Unidade de Saúde. E não precisou mais ficar cuidando de ovelhas.

O dinheiro estava entrando. Bom, eles tinham condições de pagar um aluguel numa casa melhor. Mas para quê fazer isso se eles moravam de graça naquela casa onde estavam? Não era um palacete, mas dava pra o gasto. O único problema dela era a falta de mobília boa. Não mais.

Além de estarem trabalhando, Gervásio e Leila também descobriram uma galinha do ovo de ouro. Certo dia, a Leila estava lá de bobeira na internet até que resolveu entrar no site da Caixa Econômica Federal, para ver o FGTS. Aí ela se impressionou. Ela tinha três mil reais lá. Foi um achado.

- Gervásio! – disse Leila.

- Oi amor, o que foi? – perguntou Gervásio.

- Olha só o que eu achei. Três mil pilas no meu FGTS. Jesus amado! – disse Leila.

- Isso é incrível! – disse Gervásio.

- Dá para comprar a tevê de tela plana, um sofá e uma geladeira nova. – disse Leila.

E assim foi. Eles tiveram condições de mobiliar a casa, que ficou bem mais confortável.

E Iracema, não precisou mais se preocupar pela falta de coisas para ela. Agora ela tinha o que vestir, tinha o que calçar, tinha como cuidar do cabelo. Ela tinha secador, chapinha, maquiagem, cosméticos para cabelo e uma coleção de esmaltes de todas as cores.

Um dos motivos de a família não ter saído da casa em que moravam de graça, foi por isso mesmo. Para economizar uma bela de uma grana. Sim, pois a esperança ainda não morreu. O sonho belga ainda não morreu. Leila ainda sonhava em revalidar seu diploma para exercer sua profissão na Bélgica. Gervásio ainda era fascinado por lá. Iracema então nem se fala. Iracema era quase belga. Seria lindo e glorioso o dia em que ela voltaria para lá. Fazer sua faculdade lá, viver lá, se consolidar lá.

Copa do mundo de fundo de quintal

Numa tarde de sábado, Iracema, Casper, Jaciara e Kevin estavam na rua da casa deles, conversando, procurando alguma coisa para fazer juntos.

- Tive uma ideia. Vamos brincar de Final da Copa do Mundo de 2006? – sugeriu Iracema.

- Boa ideia. – disse Kevin.

- Vai ter cabeça do Zidane? – perguntou Casper.

- Sem sombra de dúvidas. Aí é que é a melhor parte. – disse Iracema.

- França e Itália, um duelo de gigantes. Que já sabemos como vai terminar. – disse Jaciara.

- Eu vou ser o Materazzi. – disse Casper.

- Eu vou ser o Gianluigi Buffon, o goleiro da Itália. – disse Jaciara.

- Eu vou ser o árbitro, já que eu estou de preto mesmo. Kevin vai ser o Zidane. – disse Iracema.

- Que legal, vou ficar em evidência. Chutar o balde antes de me aposentar. – disse Kevin.

- Vamos chamar os outros para jogar também. Serão os figurantes. Não se joga bola com dois jogadores e um goleiro. – disse Jaciara.

Eles chamaram as outras crianças da rua para jogar com eles. Explicaram como seria a brincadeira. E a bola rolou. Tudo seria filmado. Dercy, a mãe de Jaciara, estava com essa função.

- Vai começar agora a Final da Copa do Mundo de 2006, versão genérica e fundo de quintal, onde todos já sabem o resultado. Aqui tudo se trata de humor, nada deve ser levado a sério. – disse ela, já na gravação.

- Sou o árbitro. É como diz aquela frase icônica: o de preto é o juiz. – disse Iracema.

E a bola rolou. Jogo que parecia normal. Aos sete minutos do primeiro tempo, Zidane (que estava representado pelo Kevin) conseguiu um pênalti.

- Gol! Da França!

E o jogo continuou. Aos dezenove minutos, Materazzi marca pela Itália.

- Gol! Da Itália!

Ficou no um a um. Persistiu, foi pra prorrogação. E lá que o bicho ia pegar.

Zidane e Materazzi haviam marcado gol, cada um por sua seleção. Aí em dado momento, o clima esquentou entre os dois. Materazzi, que estava sendo representado pelo Casper, puxou a camisa do Zidane, que estava sendo representado pelo Kevin.

- O que foi, gostou da minha camisa? Se você quiser, eu te dou no final do jogo. – disse Kevin, fazendo o papel de Zidane.

- *Io preferisco la puttana da tua sorella!* – disse Casper, representando Materazzi.

Aí o Zidane (Kevin) deu-lhe uma cabeçada na caixa torácica do Materazzi (Casper). Quem mandou insultar irmã dos outros? O goleiro Buffon (Jacira), saiu do seu gol e foi lá no árbitro (Iracema) para dedurar o francês.

- Ô árbitro. Olha a violência aqui. O Zidane sentou-lhe uma cabeçada nas caixas do peito do Materazzi. – disse Jacira, representando o Buffon.

O árbitro Iracema foi lá, apitou e tirou o cartão vermelho para o Zidane.

- Pro chuteiro! – disse Iracema.

- Mas ele xingou a minha irmã! – disse Kevin, como Zidane.

- Não interessa! Pro chuteiro! – disse Iracema.

- Buffon, seu X9! Vai peidar lá no banheiro! – disse Kevin (Zidane).

- Nada a ver. – disse Jaciara, caindo na gargalhada.

- Buffon não tem nada a ver com isso. Peido em italiano é *scoreggia*. – disse Iracema, rindo.

- Tá sabendo demais, hein. – disse Casper, caindo na gargalhada.

- Já ouviu falar em Google Tradutor? E também eu tenho ascendência italiana. Agora chega de papo. Você, Materrazzi, vai levar cartão amarelo por xingar a irmã dos outros. Merecia vermelho, mas você tem que ficar pra bater os pênaltis. – disse Iracema, mostrando o cartão amarelo para o Casper.

- Hei, Iracema, mas isso não está no script. O Materazzi não leva cartão! – disse Casper.

- Mas eu sou o árbitro e quem manda nessa bagaça sou eu! Isso aqui é a versão fundo de quintal, não tem

compromisso com a realidade. Aqui tudo é nonsense. – disse Iracema, rindo.

Todo mundo caiu na gargalhada. Enquanto tudo acontecia, passavam na rua Silmara e Josiane, que observavam toda a brincadeira.

- Tenho que admitir. A Iracema e essa galera dela sabem muito bem como se divertir. – disse Silmara.

- Pior que é verdade. O lado desportivo da Iracema que não conhecíamos. Tá muito engraçado isso aqui. Vamos parar pra assistir? – disse Josiane.

O jogo prossegue. Foi pros pênaltis. Cinco a três para a Itália.

- É tetra! É tetra! É tetra! – disse Casper (Materazzi).

Todo mundo ficou rindo. Aquele jogo foi muito hilário.

- Ô Kevin, já pode voltar. Acabou. Vamos festejar agora. – disse Jaciara.

- Belo jeito de se aposentar. – disse Kevin, rindo.

- Enfiou o pé na jaca bonitinho, hein. – disse Iracema, rindo.

A capivara da confirmação

- Podia ter se aposentado na paz, mas não. – disse Casper, rindo.

- Uai, xingaram a minha irmã. Ou melhor, a irmã do Zidane. Quando mexe com família, aí é outras conversas. – disse Kevin.

Os quatro se rolaram de tanto rir. Foi muito divertido.

- Tudo isto pede uma dancinha. – disse Jaciara.

- Todo mundo em sincronia e em coro. – disse Iracema.

“Essa bola vai rolar. Mundo é um tapete verde. Quando a bola chega lá. O coração fica na rede, na rede, na rede. Hola, hola. La la la la la. La la la la la. La la la la la.”

Os quatro se puseram a cantar e a dançar. Eles se divertiram muito. Naquele dia, os adolescentes voltaram a ser crianças. Então começou a chover em cima da cabeça deles.

- Chuva! Que legal! – disse Iracema.

- Adoro! – disse Jaciara.

- Banho de chuva. – disseram Kevin e Casper.

- Essa foi a melhor brincadeira que já fizemos. – disse Iracema.

- Sem dúvidas. Vamos colocar no Youtube. – disse Casper.

- Vai ser campeão de visualizações. – disse Jaciara.

Eles colocaram o vídeo no Youtube. À noite, eles foram assistir. Mas se rolaram de tanto dar risada. Foi muito hilário. Eles se riram tanto que chega doeu a barriga.

Planos de ralar peito de Écs-ti

Iracema, Gervásio e Leila continuavam lutando pelo sonho deles. Além de orar, eles também fizeram por onde para alcançar o objetivo deles. Iracema fez a parte dela estudando muito e se esforçando para passar nos vestibulares, ou no Enem, para conseguiu concluir logo o ensino médio e ir direto pra faculdade. Gervásio e Leila trabalhavam e economizavam dinheiro, pois o sonho ainda continuava vivo.

Gervásio e Leila também descobriram que os pais do Casper também compartilhavam da ideia de ir morar na Bélgica. É que o bisavô do Casper, já falecido, era belga. Por isso o sonho deles também era ir para lá. Quando eles souberam do mesmo interesse em comum, aí pronto. Já eram amigos, vizinhos, irmãos da igreja. Agora, eles compartilhavam um sonho em comum. O pai do Casper se chamava Bastian. A mãe do Casper se chamava Calista. Eles se tornaram grandes amigos de Gervásio e Leila. Eles passavam horas a fio conversando sobre a Bélgica, falando das maravilhas de lá, e dos trâmites necessários para se estabelecer lá. Lógico que tudo ficava só entre eles. Era boca de siri patola. Porque se alguém soubesse do que eles

estavam querendo planejar, iriam fofocar, e uns até conspirariam contra. Ou caso entrasse areia nos planos deles, eles sem dúvida se passariam por mentirosos. Uai, eles disseram que estavam indo para a Bélgica e não foram? Tem que tomar cuidado.

Gervásio e Leila fizeram contatos. Procuraram todas as informações em relação aos trâmites para visto de residência, validação de diplomas, e tudo mais. Eles também pediram ajuda para conhecidos lá em Bruxelas, que soubessem de emprego lá.

Iracema ficava radiante com a ideia de finalmente vazar de Écs-ti. Mas não criava expectativas, lógico. Até porque, ao invés de expectativa, ela criava fé. E caso não desse certo dessa vez, ela iria de qualquer jeito. Não agora, mas depois. Iracema não desistia fácil dos seus objetivos. Ela iria estudar muito, se esforçar, trabalhar em seus planos para conseguir realizar seus sonhos. Tudo é sonho. E o sonho não pode acabar. As circunstâncias até podem dizer não. As pessoas até podem dizer não. As palavras de desencorajamento, idem. Antes, Iracema ficava triste por palavras de desmotivação vindas de certas pessoas. Falavam que brasileiro era alvo de chacota no exterior e não tinha direito à nada, que brasileiras lá são vistas como prostitutas, que a crise na Europa fez com que milhares de brasileiros retornassem à pátria tupiniquim, que os

europeus são frios. Tudo mentira. Nada a ver. Primeiro, amam os brasileiros. Para começo de conversa, apenas os ignorantes falam mal do Brasil e dos brasileiros. Segundo, não são todas as brasileiras que são estereotipadas como prostitutas assim como dizem. Apenas aquelas que se vestem como tal e que dão motivo para tal estereótipo. Crise não é motivo para desistir do sonho europeu. Crise há em todo lugar. Então só porque os brasileiros saíram de lá, significa que é impossível viver lá? Errado. Se a pessoa quer viver em outro país, é porque ela quer ver gente diferente, de outra nacionalidade. Se fosse pra ver brasileiro, era melhor nem sair do Brasil. Esses que vão afugentados pela crise são pessoas que estavam ilegais, que trabalhavam nos subempregos, sem garantia de nada. Mexendo o doce direito e estando legalizado, firmado e trabalhando na sua profissão, não há porque temer. Mais uma: europeus não são frios. Eles também sabem ser alegres, receptivos e se divertirem. A diferença é que eles não são bobo-alegres, como alguns brasileiros (sem generalizar). Tipo, tem brasileiro que tem mania de comemorar por tudo e por nada. Tudo é motivo de farra. Também não pode ser assim. Tem que saber a hora de se divertir e tem que saber a hora de ficar sério. Porque existe uma linha tênue entre ser divertido e entre ser bobo-alegre.

Iracema sabia de tudo isso, portanto nem se importavam mais com essas palavras de desencorajamento. Ao invés de ficar desmotivada, ela pegava essas palavras e convertia em combustível para mover os seus sonhos adiante.

Despedindo se de Écs-ti

Iracema estava orando pra sair de Écs-ti. Eita lugarzinho treva aquele. Mas apesar de tudo, olhando por outra perspectiva, até que Iracema passou bons momentos ali. Em Écs-ti, milagres da multiplicação aconteceram que possibilitaram que o aniversário de Iracema fosse salvo. Em Écs-ti, Iracema conheceu seus melhores amigos. Em Écs-ti, Iracema descobriu sua coragem e bravura ao enfrentar a professora Rosinha e erradicar o racismo na escola onde estudava. Enfim, foram tantos momentos bons e divertidos.

Depois de cerca de um ano e meio pensando em Écs-ti, as coisas finalmente iriam andar para frente. Iracema não passaria nem mais um ano lá. Iria embora naquele ano mesmo. E Casper ia junto.

Tudo ainda era segredo. Só nas finalíssimas, Écs-ti ficaria sabendo da partida de Iracema e Casper com seus respectivos pais.

Dia desses, Iracema e Casper estava conversando sobre a viagem.

- Contando as horas para sair de Écs-ti? – perguntou Casper.

- Com certeza. Ansiedade toma conta. Depois de maus bocados passados aqui, Deus está me recompensando. Ou melhor, nos recompensando. Você também vai comigo. Mas apesar de tudo, eu passei momentos ótimos aqui. Nossos melhores amigos, nós conhecemos aqui. – disse Iracema.

- Eu conheci você aqui. Olhando por outra perspectiva, Écs-ti apesar de tudo, tem seus lados positivos. – disse Casper.

- Bom, tem seus lados positivos, mas nem por isso pretendemos passar a vida inteira aqui nesse fim de mundo. Nunquinha na galáxia. Imagine só eu aqui vivendo parada no tempo, sem progresso, estagnada, atrasada, vivendo numa humilde cabaninha, criando meus filhos aqui, e vivendo aqui pra o resto da vida. – disse Iracema.

- Você não combina com esse estilo de vida. – disse Casper.

- Não mesmo. Eita cidadezinha treva essa Écs-ti. Mas eu vou sentir muitas saudades da Jaciara e do Kevin.

Tenho pena deles por terem de viver aqui. – disse Iracema.

- Mas eles são diferentes desse povo daqui. Eles, assim como nós, têm visão, e o que eles mais querem é sair de Écs-ti. Eles não pretendem morar aqui o resto da vida. A Jaciara, por exemplo, também sonha em se mudar para a Europa. Você pensa que ela quer ficar aqui ou voltar pra Moçambique? Não mesmo. E o Kevin, é inteligente demais para querer fazer de Écs-ti a sua casa. – disse Casper.

- Tem razão. Eles não estão predestinados a viver aqui para sempre. – disse Iracema.

- Vai ser muito da hora essa viagem. Nós e os nossos pais vamos todos juntos no mesmo voo. – disse Casper.

- Com certeza, vai ser incrível. – disse Iracema.

Tudo estava resolvido, viagem marcada, vistos, passaportes, contatos, empregos, lugar para morar em Bruxelas. O esquema era o seguinte. Eles todos tomariam um ônibus em Aplausos às nove da noite com destino a São Paulo. E de lá, eles tomariam o voo para Bruxelas.

Agora já não precisava mais manter em segredo. Já podiam falar. Até porque, a pior coisa do mundo é sair à francesa e sumir misteriosamente.

Gervásio, Leila e Iracema começaram a se despedir dos amigos. Calista, Bastian e Casper, idem. Todos ficaram surpresos com a partida deles, e sabiam que eles deixariam saudades. Iracema e Casper, logicamente foram falar com Jaciara e Kevin.

- Não acredito! Vocês vão nos abandonar? – disse Jaciara.

- *Please, Jaciara. No melodrama.* – disse Iracema – Você não vai se livrar de mim tão cedo. Primeiro, porque a internet vai ser uma aliada para nós nos comunicarmos. Segundo, eu sei que você não pretende viver aqui para sempre.

- Entendo perfeitamente. Vocês merecem ser recompensados com isso. Parabéns. E sim, não pretendo viver aqui por muito tempo. Vou ficar com saudades, mas com certeza vocês ainda vão me ver e muito. – disse Jaciara.

- Também vou sentir saudades dos meus amigos. Mas é como a Jaciara disse, eu também não pretendo fazer

de Écs-ti a minha cidade. Parabéns, companheiros. Vocês merecem. – disse Kevin.

- Passamos momentos incríveis juntos. Como nos divertimos! – disse Casper.

- Ah, mas quando a gente reencontrar vocês, vamos nos reunir para brincar de Copa do Mundo de Fundo de Quintal. – disse Iracema.

- Aquele dia foi épico. Eu nunca ri tanto na minha vida como naquele dia. – disse Jaciara.

- Posso dizer o mesmo. Foi muito cômico. – disse Casper.

Na igreja, houve também a despedida deles. Pessoas queridas que iriam deixar saudades. E Iracema cantou pela última vez em Écs-ti. Emocionou a todos com *Hallelujah*.

No dia seguinte, Iracema e Casper foram com seus pais até o colégio para pegarem seus documentos. Eles estavam na metade do terceiro ano do Ensino Médio. Como na Europa o ano letivo termina no meio do ano e reinicia-se em setembro, quando Iracema e Casper chegassem lá, o ensino médio para eles seria considerado concluído, e eles já iriam para a faculdade em Setembro. E

o diretor Andrew sentiu muito pela partida de dois dos seus melhores alunos.

- Vocês vão deixar saudades aqui no colégio. – disse o diretor Andrew.

- Pois é. Esse colégio me trouxe boas recordações. – disse Casper.

- Iracema, você será lembrada para sempre aqui no colégio como a Padroeira dos Injustiçados. Foi memorável o dia em que você levantou a voz em defesa de sua amiga que sofria racismo. Uma atitude altruísta e heroica. O mundo precisa de mais pessoas como você. Parabéns pela sua conquista, você agora vai voltar para a Bélgica. Ainda lembro-me do dia em que você veio com seus pais se matricular no colégio, e pediu segredo de estado em relação ao fato de você ter morado fora do país. E você, Casper, também foi um aluno brilhante e notável. Continue assim. – disse o diretor Andrew.

- Obrigado. – disse Casper.

- Obrigada, diretor. É que eu não suporto presenciar cenas de bullying e de discriminação. Em algum momento da vida, nem que for uma vez, todos nós já sofremos algum tipo de bullying. Todos mesmo, inclusive eu. Desde então, eu decidi entrar em defesa de

A capivara da confirmação

quem está passando pela mesma situação. – disse Iracema.

E assim foi. Os pais de Iracema e os pais de Casper pegaram os documentos dos seus filhos.

E assim aconteciam as despedidas em Écs-ti.

A capivara da confirmação

Durante os dias que antecederam a viagem, Iracema, Gervásio e Leila andavam feito aloprados pelos cantos da casa fazendo as malas e acertando os mínimos detalhes finais. Poderia se dizer o mesmo de Casper, Bastian e Calista. O frio na barriga tomava conta das duas famílias.

Finalmente o dia. Todos cumpririam a primeira etapa da viagem. De Écs-ti para Aplausos e de Aplausos para São Paulo. A segunda etapa seria de São Paulo para Bruxelas, mas isso era outra história.

Foi numa tarde quente e ensolarada. Iracema e Casper com suas respectivas famílias esperavam o ônibus para Aplausos. Era um ônibus velho, feio, caindo aos pedaços e desconfortável pra caramba. A sorte era que os bancos pelo menos eram almofadados. O ônibus em questão ganhou o apelido de Rasga-Roupa. Ele ia para a capital duas vezes por dia. Seis da manhã e duas da tarde. Pelo menos isso. Porque tem lugar nesse Brasil velho que o ônibus só passa duas vezes por semana, isso sim é que é luta. O motorista do ônibus era uma chaminé ambulante.

Ele se chamava Maneco, e fumava feito caipora. Ninguém podia fumar dentro do ônibus, porém ele era a exceção e tinha essa regalia. Um absurdo por sinal. Viajar com o fedor de um cigarro fedorento.

Já haviam se passado duas da tarde. O ônibus estava atrasado em vinte minutos.

- O que será que houve com esse ônibus? - perguntou Calista.

- Nem quero imaginar. - disse Leila - Pode ser que tenha dado algum probleminha técnico.

- Ele sempre costuma se atrasar uns minutos. Acho que não é nada. Vai ver ele dormiu uns minutos a mais a soneca da tarde. - disse Gervásio.

- Bem provável. - disse Bastian.

E nada. Os minutos iam se passando, e o atraso ficando cada vez maior.

- Não pode ser. Esse ônibus está com problema, com certeza. - disse Casper.

- Também estou achando. - disse Iracema.

Nada de ônibus mesmo.

- Aí já é demais. Não podemos perder nossa viagem. Temos que estar em Aplausos, ir pro hotel, tomar banho e estar na rodoviária antes das nove para pegar o ônibus para São Paulo. – disse Leila.

- Esse Rasga-Roupa é fora de série mesmo. – disse Calista.

- Apelido muito hilário esse que criaram pra esse ônibus. Mas confesso que estou preocupada. – disse Iracema, rindo.

Então eles receberam a informação de que o ônibus não realizaria a viagem até Aplausos devido a problemas técnicos.

- A mula empacou. – disse Iracema – Ótimo.

- E agora, Jesus? – disse Calista.

- Não podemos perder a nossa viagem. – disse Leila.

Deu um frio na espinha de todo mundo só na possibilidade deles perderem as passagens para Bélgica.

- Vamos ter que dar o nosso jeito agora. Nos virar nos trinta. Perguntar por carona, enfim, dar um jeito. – disse Gervásio.

- As circunstâncias podem não estar nos ajudando, mas essa viagem nós não vamos perder. – disse Bastian.

As coisas pareciam não conspirar a favor deles. Ninguém naquele dia estava indo para Aplausos.

- Vamos ter que apelar. – disse Casper.

- A gente vai para lá nem que for de bicicleta. – disse Iracema.

Por falar em bicicleta, uns caras passaram por lá perto, e ao perceberem que todos eles precisavam viajar com urgência, resolveram ajudar.

- Temos quatro bicicletas. Vamos emprestar para vocês irem até Lajota, já que fica só a vinte quilômetros daqui. E de lá vocês pegam uma van ou um ônibus para Aplausos. Lá é o que mais tem. Enquanto ao rapaz, temos um pangaré para ele. E a moça vai montada na capivara. – disse o homem.

- Sério mesmo? *You* está de “brincation” *with me*? Numa capivara. Isso pode, Arnaldo? Meu, olha pro meu tamanho, olha para o comprimento das minhas pernas. Como você quer que eu vá numa capivara? Mas se esse é o único jeito de não perder a minha tão sonhada viagem, eu topo né. Mas eu não sei se ela vai aguentar com meu

peso. – disse Iracema, rindo ironicamente porque estava achando um absurdo.

- Capivara? – duvidou Casper.

- Essa eu quero ver. Se a capivara for um veículo de transporte, será um achado. Uma revolução no mundo dos transportes – disse Leila.

- É como diz o ditado, melhor andar montado num porco do que andar a pé. – disse Bastian.

- Iracema, se ficar desconfortável, eu revezo com você. Ou melhor, você pode montar comigo. Um cavalo suporta duas pessoas. – disse Casper.

- Obrigada, Casper. Você não existe. – disse Iracema.

- Eu só não revezo porque eu tenho o dobro do tamanho da Iracema. Ela é magrinha, menos peso pra capivara. E o assento da bicicleta está ocupado com a mala. – disse Gervásio.

Mas eis que a surpresa aparece. A capivara, na verdade era uma égua. Confuso, não.

- Moça, eu te apresento Capivara, a égua. – disse o homem.

A capivara da confirmação

- Ufa, que alívio. Essa aí que é a capivara? Menos mal. Agora posso respirar aliviada. – disse Iracema.

- Nossa, uma égua que se chama Capivara. Sugestivo, não? – disse Casper.

- Mas que eu tomei um susto, isso eu tomei. Ninguém ia te deixar viajar desconfortável, Iracema, nem precisava se assustar, meu bem. Nem que eu fosse a pé, mas eu cederia minha bicicleta pra você, cria. – disse Gervásio.

Então todos montaram em seus veículos e colocaram o pé na estrada. Gervásio, Leila, Bastian e Calista iam com suas bicicletas emprestadas, com as bagagens atreladas atrás. Casper, no pangaré. E Iracema, na capivara. Ou melhor, na égua que se chamava Capivara. Era uma égua muito especial, que veio como providência. Veio como confirmação da benção. Uma égua super mansinha, adestrada. Até Iracema, que não tinha nenhuma experiência com montaria, estava sabendo montar nela.

- *Vai no cavalinho, vai, vai, vai. Vai no cavalinho, vai, vai, vai.* – cantavam Iracema e Casper, para se divertir.

- Olha, essa música é de duplo sentido. – alertou Leila.

- Sério? Não sabia. Nós vamos parar então. Foi mal.
- disse Iracema.

- Como somos inocentes. - disse Casper.

- A malícia, Casper, está nos olhos de quem a vê. -
disse Iracema.

- Diz que é. - disse Casper.

- Já estamos chegando em Lajota. Graças a Deus. -
disse Calista.

- *Hallelujah, Hallelujah.* - cantou Bastian, para
expressar o momento.

- Finalmente. Eu já estava morrendo de sede. -
disse Leila.

- Foi um exercício e tanto. Deu para produzir um
calor. Acho que eu perdi uns trinta quilos só nessa
maratona. - disse Gervásio.

Chegando a Lajota, todos desceram das bicicletas e
dos cavalos e foram para a pequena rodoviária da cidade.
Compraram água, pois estavam secos de sede. Então eles
se hidrataram e pegaram uma van para Aplausos.

- Finalmente um pingo de conforto. - disse Calista.

- Com certeza. – disse Leila.

- Conforto mesmo é no ônibus pra São Paulo. Faz tempo que eu não viajo confortavelmente. – disse Iracema.

- Pois então hoje vamos tirar o atraso. – disse Casper.

E todos seguiram viagem até Aplausos. E a Capivara salvou o dia para Iracema. Por um momento, ela havia se apavorado na ideia de montar numa capivara enquanto os outros tinham bicicletas e um pangaré. Mas então a descoberta é que a Capivara, na verdade, era uma égua que levava esse nome. Iracema respirou aliviada. Sua viagem estava salva. E o melhor de tudo, aquela era só uma etapa desconfortável que eles teriam de passar até chegar em Lajota, e de lá tomar uma condução um pouco melhor para Aplausos, para de Aplausos, eles tomarem um ônibus confortável de linha que os levasse a São Paulo. A Capivara serviu para confirmar a benção que Iracema e sua família receberam após tanto sofrimento. Mas ainda que fosse uma capivarinha de verdade, ainda que Iracema não tivesse meio de transporte, ninguém ali a deixaria desamparada. Eles dariam um jeito. Iracema e Casper dividiriam o pangaré, assim todos viajavam e chegavam logo ao destino.

Rumo a São Paulo

Algum tempinho depois, todos chegaram a Aplausos e foram para o hotel. Era um hotel simplesinho, porém arrumado e limpinho. Eles só ficariam lá para descansar um pouco e tomar um banho e se arrumar antes de irem para a rodoviária. Iracema e seus pais ficaram em uma suíte. Casper e seus pais ficaram na suíte ao lado.

- Estou estafado. – disse Gervásio.

- Eu que o diga. Nunca pedalei tanto na minha vida. Agora me considero uma maratonista. Já posso correr na São Silvestre. – disse Leila.

- Só que lá é correr com as duas perninhas. – disse Iracema.

- E a Iracema que foi montada numa Capivara. – disse Gervásio, rindo.

- Pois é, nem me cansei tanto. Andar de cavalo cansa bem menos. Ele faz todo o serviço por você. – disse Iracema.

Todos descansaram um bocado. Às sete da noite, todos foram tomar um banho no capricho e se arrumar para viajar. Quando todos se arrumaram, eles finalmente puderam sair. Tomaram dois táxis e foram para o terminal rodoviário. Todos estavam bem arrumados e cheios de estilo.

No terminal rodoviário, eles se sentaram onde pudessem estar de frente para a plataforma onde o ônibus deles iria estar. Enquanto o ônibus não chegava, eles foram comprar uns comestíveis para comer durante a viagem.

Nove da noite. O ônibus finalmente chegou.

- Vejam. É o nosso ônibus. – disse Calista.

- Até que enfim. – disse Iracema.

- São Paulo. Aí vamos nós. – disse Gervásio.

Todos foram em direção ao ônibus. Colocaram as bagagens no bagageiro e ficaram apenas com as bagagens de mão. Apresentaram os tickets e puderam embarcar.

Pela primeira vez depois de mais de um ano, Iracema voltou a colocar os pés em um ônibus de linha. Tudo lindo, cheiroso, novinho em folha. Todos

procuraram os assentos designados nas passagens e se acomodaram. Iracema e Casper sentaram-se juntos.

Quando todos os passageiros embarcaram, o ônibus finalmente deixou o terminal rodoviário para seguir viagem.

- Mal posso esperar para chegar à Bélgica. – disse Iracema.

- Eu também. Finalmente vou conhecer a terra dos meus antepassados. Tudo que eu conheço de lá, é só por fotografias e Google Maps. Já você, conhece tudo aquilo pessoalmente, já esteve lá, tem experiência própria. – disse Casper.

- Pelo menos eu posso te orientar em tudo que for necessário. Mas você não vai estar tão perdido assim. Você fala francês *très bien*. E conhecer tudo por foto já é grande coisa. Quando eu fui lá pela primeira vez também foi assim. Mas tive muita facilidade em me adaptar. Não encontrei obstáculos. Decorei a linha do metrô no primeiro dia, e já estava ensinando pros meus pais. – disse Iracema.

- Que legal. Nada como se adaptar facilmente. – disse Casper.

- Pois é. Tudo exige preparo antes de você sair da sua terra. Tipo, tem gente que vai para outro país sem saber falar a língua de lá. Meu, tem cabimento um negócio desses? Isso aí é a mesma coisa que pedir para sofrer. – disse Iracema.

- Tem gente que vai lá só para tentar a sorte, trabalhar em subempregos, só para conseguir dinheiro. Eles não se interessam na cultura do lugar, não se interessam em aprender a língua do lugar. Tem gente que vai morar para trabalhar de faxineiro em Nova Iorque, e nunca foi ao Central Park ou na Quinta Avenida. Trabalham nos piores empregos e não curtem a vida, não desfrutam da cidade onde moram. Sem contar que eles só ficam nas panelinhas dos brasileiros. Eu acho isso deprimente demais. – disse Casper.

- Infelizmente é assim. Eu não gostaria de ir pra o estrangeiro só para trabalhar feito burro de carga e não aproveitar nada. Sem contar que é ridículo você ir para outro país, outra cultura, e ficar só com a panelinha dos brasileiros. Se eu quero ver brasileiro, eu fico no Brasil mesmo. Se eu estou indo para outro país, é porque eu quero me entrosar com gente diferente. Sem contar que alguns brasileiros lá fora são muito traíras. Nem todos, pois há exceções. Nós, por exemplos, somos gente boa. Eu fiz amizade com uma brasileira lá, e ela era totalmente

diferente dos outros. Mas nosso caso é diferente. Nossos pais finalmente conseguiram revalidar os diplomas deles, nós fizemos contatos, conhecemos gente lá, demos entrada aos nossos vistos de residência, sabemos falar francês e inglês fluentemente. Vamos viver tranquilamente, e aproveitar ao máximo tudo o que a Bélgica pode nos oferecer. E a Europa também. É possível viajar para França, Espanha, Portugal, Inglaterra, a preços bem acessíveis. – disse Iracema.

- Morar no estrangeiro só dá certo quando tudo é planejado muito bem. Ir com a cara e a coragem, sem conhecer ninguém e sem falar o idioma de lá não rola mesmo. – disse Casper.

Iracema e Casper se puseram a falar francês desenfreadamente para treinar a conversação deles. Tipo, eles já sabiam, mas praticar é sempre bom.

- Que bonitinhos eles dois falando francês. – disse Calista.

- Eles podiam até dar aula. – disse Bastian.

O francês deles era ótimo. Falavam fluentemente.

A viagem seguia agradável e confortável. Fazia frio. O ar condicionado estava ligado no máximo. Iracema estava tremendo de frio, mesmo usando um casaco.

- *Frio que te cagas!* – disse Iracema.

- Espera aí, essa frase não é sua. Você assistiu Perdidos na Cidade, não foi? – disse Casper.

- Isso mesmo. Você também? – perguntou Iracema.

- Assisti no Youtube. É impagável. – disse Casper.

- Coloca impagável nisso. Eu ri litros. – disse Iracema.

Casper abraçou a Iracema, para que ela não sentisse frio. Corações acelerados. Assim que acontecia quando eles ficavam muito próximos. De Écs-ti até Aplausos, foi uma viagem cansativa. Após altas aventuras, ambos pegaram no sono. Viajando confortavelmente, dormiram muito bem.

Toda a viagem foi agradável. Eles viajariam naquele dia inteiro, parariam para almoçar, para lanche e para jantar. Seguiria por mais uma noite, e eles chegariam de manhã em São Paulo.

#Partiu #Bruxelas

Depois de exato um dia e duas noites de viagem, todos chegaram a São Paulo pela manhã.

- Primeira etapa concluída. – disse Iracema.

- Mal posso acreditar que amanhã de manhã estaremos em Bruxelas. De manhã que eu falo é no horário de lá. – disse Casper.

- As vantagens de se viajar à noite é que o fuso horário não pesa, pois você dorme na viagem. – disse Iracema.

- Melhor horário pra se ir à Europa. – disse Casper.

Assim que desceram do ônibus, eles tomaram um taxi para o aeroporto. Seria o seguinte. Eles passariam o dia inteiro no aeroporto, porque o voo deles para Bruxelas sairia às seis e meia da tarde. Eles nem se importavam em ficar um dia inteiro dentro de um aeroporto. Estavam felizes demais, e seria até um prazer ficar lá esperando horas pelo voo.

Em dado momento, em torno de umas três da tarde, eles tomaram banho e trocaram de roupa. No aeroporto. Sim, pois haviam passado um dia sem tomar banho, pois estavam na estrada. Apesar de estarem no ar condicionado, sem transpirar, mesmo assim era bom tomar um banho para manter a higiene. Até porque, eles passaram aquele dia inteiro no aeroporto e só chegariam em Bruxelas no dia seguinte pela manhã no horário de lá. Seria muito tempo sem tomar banho. Então todos fizeram a higiene, trocaram de roupa e se arrumaram.

Iracema estava toda trabalhada na elegância. Blusinha pink, terninho vermelho, calças jeans lavagem escura, sapatilhas pink, colar com pingente de coração, óculos de sol Ray Ban Wayfarer, maquiagem bem feita, cabelos lindos, bem tratados e compridos, batendo na cintura.

Estavam todos chiques. Pareciam uns magnatas. Só na elegância. Tanto no modo de vestir, quanto na postura.

Tempo depois, momento de embarcar. Os seis foram para a sala de embarque. As malas já haviam sido despachadas. Na sala de embarque, eles ficaram esperando um tempinho até entrarem no avião. Eles voariam de Air France.

Já na aeronave, todos procuravam seus assentos. Mais uma vez, os casaizinhos ficaram juntos. Isso significava que Iracema e Casper se sentariam juntos novamente.

E o avião iniciou o processo de decolagem. Eles finalmente estavam deixando o solo brasileiro. Quando começou a voar, foi excitante e emocionante.

Iracema reparou que o Casper estava com dores de ouvido, em decorrência da decolagem. Então ela ofereceu um chiclete para ele.

- Para aliviar o desconforto. – disse Iracema.

- Obrigado. – disse ele.

- De nada. – respondeu ela.

- Você não tem dores de ouvido? – perguntou Casper.

- Eu não. – disse Iracema – Mas enquanto a você, vai passar logo.

Algun tempo depois, as comissárias de bordo passaram entregando o jantar. Todos jantaram muito bem.

- É a primeira vez que você voa? – perguntou Iracema.

- Sim, a primeira. – respondeu Casper.

- E quais são as suas considerações iniciais? – perguntou Iracema.

- Bom, as minhas considerações é que eu estou achando o máximo. – disse Casper.

- Também foram as minhas considerações quando eu viajei de avião pela primeira vez. Trocando de assunto, você já melhorou da dor de ouvido? – disse Iracema.

- Já. Foi só na decolagem. – disse Casper.

- Eu falei que passava logo. A minha mãe também tem isso. – disse Iracema.

Após o jantar, eles ficaram assistindo a um filme. Depois, resolveram dormir quando era cerca de umas dez da noite do horário de Brasília, pois ficar o dia inteiro esperando no aeroporto cansava bastante. E também, quando se viaja à noite, dormir é essencial para que o fuso horário não seja problema.

Iracema e Casper ficaram de mãos dadas e pegaram no sono. Dormiram a viagem inteira. Amanheceu. Era cerca de umas seis da manhã do horário da Bélgica. Casper despertou primeiro, e observou como Iracema era

linda até mesmo dormindo. Não demorou muito, ela acordou.

- Bom dia, Casper. Caiu da cama? – disse Iracema.

- Nesse caso, da poltrona. Mas nem faz tanto tempo que eu acordei. E você, dormiu bem? – disse Casper.

- Perfeitamente e confortavelmente. E você, como passou a noite? – perguntou Iracema.

- Melhor impossível. – disse Casper.

As comissárias de bordo passaram pelos corredores entregando aos passageiros, toalhas quentes e molhadas com cheiro de erva doce para lavar o rosto. Logo após, serviram o café da manhã. Todos comeram muito bem.

Algum tempo depois, o avião já estava quase aterrissando em Bruxelas.

- Que legal. Daqui a poucos minutos estaremos em Bruxelas. – disse Casper.

- É ótimo regressar a essa cidade. Lembro-me da primeira vez em que eu viajei para cá. Foi memorável. Agora também está sendo memorável. – disse Iracema.

La vie en Bruxelles

O avião já ia começar o processo de aterrissagem. Todos os passageiros afivelaram os cintos de segurança, retornaram as poltronas na posição vertical e se prepararam para aterrissar. Friozinho na barriga. O avião aterrissou. Todos os passageiros aplaudiram.

- Chegamos. – disse Gervásio.

- Estamos em casa. – disse Leila.

- Finalmente estamos aqui. – disse Bastian.

- Sonho realizado. – disse Calista.

- Bruxelas, sua linda. Finalmente voltei pra você. – disse Iracema.

- Nossa, que legal. Não me caiu a ficha de que estou na Bélgica. – disse Casper.

- A ficha cai aos poucos. – disse Iracema.

Todos os passageiros desembarcaram. Após passarem pela imigração, eles foram pegar as bagagens na esteira.

- Prontinho. Podemos ir para casa. – disse Gervásio.

Todos tomaram táxis e foram para suas casas. O legal é que Iracema e Casper seriam vizinhos. Eles morariam na mesma rua.

Durante o percurso, todos ficaram encantados ao ver a cidade.

- O que achou de ver tudo isto pessoalmente, Casper? – perguntou Iracema.

- Incrível. – disse Casper – Essa cidade é mais linda pessoalmente.

- Estou encantada por voltar aqui. Isso tudo é lindo. Ainda lembro-me da primeira vez que estive aqui. Eu tinha uns treze ou quatorze anos. Foi simplesmente épico e encantador. Nem acredito que eu voltei para cá. – disse Iracema.

E todos chegaram à rua em que morariam.

- Que legal. Éramos vizinhos em Écs-ti e agora somos vizinhos em Bruxelas. – disse Casper.

- Somos inseparáveis mesmo. – disse Iracema.

Eles estavam apaixonados. Desde lá de Écs-ti, mas não falavam nada. Mas era subentendido sim. Todo

mundo observava isso. Iracema e Casper ficaram mais próximos ainda durante a viagem. Os corações aceleraram, e as borboletas no estômago pintavam e bordavam naquela região.

Iracema e Casper se beijaram. Como eles não faziam o tipo de gente que apenas “ficavam”, podia-se dizer que eles estavam namorando.

Enquanto isso, seus pais observavam e comentavam.

- O amor é lindo mesmo. – disse Calista.

- Eles formam um caszinho lindo. – disse Gervásio.

- Eles têm química. Combinam mesmo. – disse Leila.

- Eu observava isso desde Écs-ti. – disse Bastian.

Iracema e Casper estavam *in love*.

- Tecnicamente falando, estamos namorando. – disse Casper.

- Isso é ótimo. – disse Iracema.

- A gente poderia combinar para sair. – disse Casper.

- Seria incrível. Vamos pensar em algum lugar legal. – disse Iracema.

- Você conhece tudo por aqui, poderia sugerir. – disse Casper.

- Vou pensar. – disse Iracema – Tenho que ir agora. Preciso descansar.

- Eu também. – disse Casper – Mas a gente se vê ainda hoje.

- Com certeza. – disse Iracema.

E assim foi. Cada um entrou em sua casa.

- Hoje é o melhor dia da minha vida. – disse Casper.

- Parabéns, bonitão. Despertando corações. – disse Calista.

- Vocês formam um casal lindo. – disse Bastian.

- Assim vocês me deixam sem graça. Eu estou até corado. – disse Casper.

A capivara da confirmação

Enquanto isso, na casa de Iracema, ela também estava feliz da vida.

- Parabéns, Iracema. Você e o Casper são o casal 20.
- disse Leila.

- Até ontem eu trocava suas fraldas. Hoje a minha menininha já está namorando. - disse Gervásio.

- Pare com isso, assim você me constrange. Já sou quase uma adulta. Tenho quase dezessete anos. - disse Iracema, rindo.

- Mas mesmo assim ainda é o nenê do papai. - disse Gervásio.

E assim foi. Todos tomaram um banho daqueles e foram dormir um pouco, pois viagens internacionais são bem cansativas.

- Que dia memorável. Épico. Eu vou é dormir. - disse Iracema.

Ela resolveu tirar uma sesta. Foi dormir feliz. Apaixonada. Amando. *Fall in love*.

Gervásio havia acordado primeiro. Então ele foi ao supermercado perto de casa para fazer compras. Comida, produtos de higiene pessoal e de limpeza, entre outras

coisinhas. Ele também se lembrou de Iracema, e trouxe também umas guloseimas para ela.

Um das duas horas depois, Iracema acordou. Nada como acordar em sua cidade favorita, e perceber que nada daquilo é um sonho. É tudo real.

- Estou mesmo em Bruxelas. – disse Iracema.

Aquele dia foi memorável. Apesar de eles não terem saído muito de casa naquele dia, foi possível desfrutar daquela cidade pelo simples fato de eles estarem lá.

Naquele dia mesmo, pela tarde, Iracema e Casper se encontraram para namorar e conversar na frente da casa.

Todos estavam vivendo muito bem em Bruxelas. Eles chegaram no meio do ano, na época do verão. Um monte de lugar legal para ir passear e fazer turismo, e todos desfrutaram muito bem disso. Os adultos começariam a trabalhar depois das férias. Iracema e Casper iniciariam a faculdade também depois das férias. E por falar em Iracema e Casper...

Eles estavam vivendo um amor de cinema, aliás, de vida real, bem melhor do que um de cinema. Era paixão

A capivara da confirmação

para toda a vida. Eles eram um casal com química. Combinavam mesmo. E com eles, era namoro sério mesmo para casar. O casório iria sair depois que eles concluíssem a faculdade.

Eles estão é casando!

Houve uma passagem de tempo de quatro anos. Estavam todos firmes e fortes na Bélgica durante todo esse período. Todos legalizados, com visto, tudo bonitinho. Casper, Bastian e Calista conseguiram cidadania belga, pois provaram que o falecido avô de Bastian era belga. Agora, eles tinham dupla cidadania. Os adolescentes viraram adultos. Iracema e Casper estavam com vinte e um anos de idade e haviam acabado de concluir a faculdade. E agora estavam planejando se casar ainda naquele ano.

Enquanto isso no Brasil, outro casalzinho se formou. Jaciara e Kevin. Assim que concluíram o ensino médio, eles e seus pais se mudaram para Aplausos. Finalmente saíram de Écs-ti e foram para uma cidade mais desenvolvida. Lá eles cursaram a faculdade, começaram a namorar, e agora quatro anos depois eles se casaram. Iracema e Casper souberam pela internet, e ficaram felizes pelos amigos deles.

Voltando à Bélgica, Iracema e Casper se casaram no civil. Mas não é porque era só no civil que foi esculachado

e de qualquer jeito não. O negócio foi fino. Tipo, Iracema e Casper não queriam gastar fortunas em um casamento religioso, na igreja, tendo que pagar um rim para fazer um negócio bem feito. Porque casamento é o seguinte. Ou você prepara o bolso e paga caro para ter um casamento chique dos sonhos. Não sai por menos de quarenta mil. Ou você economiza em tudo, e sai porcaria, como por exemplo, uma decoração fuleira, um vestido de noiva simplório e pobrinho demais, uma festinha furreca com um bolinho e uns refri, aquele negócio brega de cortar a gravata do noivo e passar o sapato da noiva, enfim. E isso não é bom.

Dia desses, Iracema e Casper discutiam acerca desses detalhes e estavam de comum acordo um com o outro.

- Sinceramente, prefiro o civil a casar na igreja. O civil vai sair mais em conta, e mesmo assim vai ficar chique sem gastar uma fortuna. Eu não pretendo pagar quarenta mil contos num casório chique, sabendo que não vamos ter grana para passar uma lua-de-mel em outro país. Imagina só, fazer um casamento de arromba só para impressionar e ficar ostentando, e depois passar a lua-de-mel em casa e seguir a vida normalmente no dia seguinte. Não, não. Priorizo sem dúvida uma viagem dos sonhos no exterior. – disse Iracema.

- Concordo plenamente. Uma viagem no exterior é bem mais interessante. E os quarenta mil contos, é só a cerimônia. A festa é outros valores. É como você disse, é ridículo ficar ostentando para os outros, e depois ficar sem lua-de-mel. – disse Casper.

- E por falar em lua-de-mel, precisamos pensar no destino. – disse Iracema.

- Tem alguma sugestão em mente? – perguntou Casper.

- Até tenho. – disse Iracema – Eu estava pensando em Madrid.

- Ótimo. O verão espanhol é imbatível. Há vários lugares legais para se ver. A gente poderia ir ao estádio do Real Madrid. Ia ser muito da hora. – disse Casper.

- Incrível. Vai ser em Madrid. – disse Iracema.

E assim foi. Iracema e Casper optaram por investir em uma lua-de-mel chique no exterior do que gastar em uma cerimônia de casamento só para ostentar, e depois passar a lua-de-mel em casa mesmo, o que era totalmente fora de questão.

Após resolver todos os trâmites, eles já estavam prontos para casar. Iracema e Casper se casaram no civil.

Ela adotou o sobrenome dele, e ele adotou o sobrenome dela. Visto que Casper tinha cidadania belga, Iracema também conseguiu a cidadania através do matrimônio. Mesmo sendo um casamento no civil, foi muito chique. As alianças deles então, nem se fala. Visto que eles não desperdiçaram grana em algo sem retorno, foi lhes permitido se darem a esse luxo. Inclusive Casper havia presenteado Iracema com aparadores de aliança. Chique demais. Após o casamento, houve uma recepção para os convidados. No cartório, estavam somente os pais dos noivos e as testemunhas. Mas na festa, eles convidaram seus amigos mais chegados e companheiros de igreja. Não era bem uma festança, era mais uma recepção. Bolo, champanhe e outras coisas. Refinado, mas sem gastos exagerados. Mas foi o suficiente para todos se divertirem e muito.

Naquele dia mesmo, no final da tarde, Iracema e Casper viajaram para Madrid para passarem lá a lua-de-mel. Eles foram de classe executiva. Chegando lá, eles foram para um hotel chique. Era noite.

No hotel, a sós, Iracema e Casper finalmente iriam consumir a união.

- Você está insegura? – perguntou Casper.

- Não tenho motivo para estar. A gente se ama, eu confio em você. Digamos que eu esteja ansiosa. – disse Iracema.

- Eu também. – disse Casper.

Iracema e Casper se beijaram intensamente. O clima esquentou. Calor.

- Gato, você trouxe proteção? – perguntou Iracema.

- Na verdade, eu trouxe um carregamento de proteção. Não precisa se preocupar. – disse Casper.

- Por garantia, eu também trouxe um monte. Vai que você se esquece. – disse Iracema.

- Prevenida, você, hein. – disse Casper.

Então aconteceu. Eles se amaram pela primeira vez. Eles se conheceram. Simplesmente perfeito. Nada a ver com o que se vê em livros e filmes. Era muito melhor. Aquilo era real. Chovia baldes em Madrid. Nada mais agradável. Romântico demais. O novo casal encontrava-se feliz e satisfeito.

Lá fora, a chuva continuava intensa. E os trovões, estrondosos. Casper observou que Iracema se assustava com trovões estrondosos demais. Ela disfarçava muito

A capivara da confirmação

bem, mas ele percebeu que ela ficava tensa. Então a abraçou para que ela se sentisse protegida. E ambos pegaram no sono.

A viagem a Madrid foi uma viagem inesquecível, romântica, incrível. Eles foram a muitos lugares legais, incluindo o Santiago Bernabeu, tiraram um dia para tomar um trem para Barcelona e pegar uma praia lá. E o mais importante, eles namoraram e muito. Afinal, foi o principal objetivo da viagem. Iracema e Casper voltaram cheios de novidades para contar e fotos para mostrar aos seus pais.

Desfecho

Quando Iracema e Casper voltaram da lua-de-mel, eles se mudaram para a nova casa deles. Confortável e chique, por sinal. Próxima tarefa era abrir todos os presentes de casamento que ganharam e colocar a casa em ordem. Havia presentes espalhados pela casa toda, em especial na sala de estar. Em menos de um dia, tudo estava em ordem. Tudo bonitinho e arrumado.

Iracema e Casper estavam curtindo a vida de casados. Só Love. Eles realmente se amavam muito, e nada mudaria isso. Logico que nem tudo seria perfeito, e que haveria algumas discussões, mas nada que não pudesse ser resolvido. Iracema e Casper nunca iriam dormir sem antes fazerem as pazes. E também ambos faziam por onde para evitar vacilos que pudessem ser fatais para o casamento. Eles nunca levantaram a voz um para o outro, as divisões das tarefas domésticas eram igualitárias para ambos, ou seja, eles se ajudavam em tudo, Iracema nunca ficava de TPM, enfim. Essas coisinhas chatinhas eram evitadas ao máximo possível. E todos conviviam muito bem. Sogros, sogras, nora e genro se davam super bem. Sogra, era segunda mãe. Todo

mundo se amava verdadeiramente. Parece utopia, mas não. Isso existe de verdade.

Numa noite, Iracema e Casper estavam na sala de estar assistindo Os Simpsons na televisão e rindo muito. Casper estava com o notebook em mãos checando uns e-mails. E uma novidade. Jaciara e Kevin escreveram para eles. Casper leu todo o e-mail.

- Iracema, temos novidades. – disse Casper.

- Adoro novidades. Do que se trata? – perguntou Iracema.

- A Jaciara e o Kevin vão se mudar para cá. – disse Casper.

- *Seriously?* Não creio! Aqui em Bruxelas mesmo? Que legal. – disse Iracema.

- Eles vão se mudar para cá em busca de melhores oportunidades e melhor qualidade de vida, e também estão com plano de montar uma ONG que combate o racismo e o bullying. A ideia foi da Jaciara, e o motivo nós sabemos muito bem. Eles estão nos convidando para sermos colaboradores deles. – disse Casper.

- Isso é incrível. Vai ser ótimo ajudar em uma causa nobre. Sinto-me honrada pelo convite. – disse Iracema.

- Eu também. Eu sempre tive interesse em abraçar uma causa. Lembro-me como se fosse ontem daquele dia em que você brigou com a professora Rosinha para defender a Jaciara, que na época se chamava Ianderley. Foi épico. – disse Casper.

- Sem dúvidas. Impossível esquecer. Essa vai ser uma história para se contar para o nosso filho que vamos ter lá futuramente daqui a uns bons anos. Ah, mas é aquela história. Eu não suporto ver gente sofrendo bullying. Quando passa Todo Mundo Odeia o Chris na televisão, eu mudo logo de canal. Quando passam filmes onde o personagem sofre bullying, eu não suporto ficar assistindo. E quando o bullying acontece na minha frente, aí eu pego e compro a briga. Não só bullying, mas também racismo, xenofobia, preconceito religioso. Eu combato isso veementemente. – disse Iracema.

- Por isso você se encaixa perfeitamente no perfil de uma pessoa que vai fazer a diferença, abraçando a causa dessas pessoas. Lembro-me que você ficou conhecida em Écs-ti como a Padroeira dos Injustiçados. – disse Casper.

- Gostei da antonomásia, mas ficou parecendo que eu era uma santa católica de altar para ser canonizada. – disse Iracema.

- Santa Iracema, a Padroeira dos Injustiçados. Todo mundo rezando. – disse Casper, rindo.

- Reverenciar, só a Deus. Mas trocando de assunto, você teve grande importância naquele dia em que travamos uma batalha contra o racismo. Você, o Kevin e a Jaciara também levantaram a voz para dizer que eu tinha amigos sim e que vocês eram meus amigos. Foi lindo. Era tudo o que eu precisava, visto que a Rosinha me detonou, dizendo que eu era antissocial. – disse Iracema.

- A Rosinha é uma égua. – disse Casper – Eu fiz questão de levantar a voz para te defender. A Jaciara e o Kevin, idem. Baixamos a bola daquela professora.

- E foi assim que nos conhecemos. – disse Iracema.

Casper e Iracema ficaram felicíssimos com a novidade. Finalmente seus amigos se juntariam a eles novamente, e os bons tempos voltariam.

Kevin e Jaciara se mudaram para a Bélgica, e fundaram a ONG Direito de Ser Feliz, que prestava assistência a vítimas de racismo, xenofobia e bullying. Iracema e Casper foram colaboradores daquele trabalho. A ONG beneficiou milhares de pessoas, e ganhou destaque na imprensa.

Mesmo quatro anos depois, Iracema ficou conhecida mundialmente pelo vídeo da briga que tivera com a professora Rosinha em Écs-ti, ao defender Jaciara. Ela e Jaciara foram entrevistadas em vários programas de televisão, foram convidadas para campanhas publicitárias, e ficaram em evidência.

E assim foi. Iracema, Casper, Jaciara e Kevin voltaram a se reunir. Os quatro amigos. O quarteto imbatível. Ah, e eles também ficaram conhecidos por aquele vídeo da Copa do Mundo de Fundo de Quintal, que fizeram lá em Écs-ti. O vídeo foi campeão de visualizações no Youtube, e quatro anos depois ainda era assistido. Aquele dia foi eternizado por aquele vídeo cômico e impagável.

E assim termina a história de quatro jovens e suas respectivas famílias, que depois de muitas dificuldades em uma cidadezinha de meio do mato no interior do Brasil, eles finalmente alcançam voos mais altos e mudam a realidade de suas vidas com muito esforço e determinação. E graças à obstinação e a força de vontade deles, foram todos recompensados. Tiveram o privilégio de escolher uma linda cidade em um país desenvolvido para viver e serem felizes.

A capivara da confirmação

Fim

A capivara da confirmação